unespciência
maio de 2015 • ano 6 • número 63

Vale da Fé

LIVRO MERGULHA NA ARQUITETURA E URBANISMO DO VALE DO PARAÍBA

REAPROXIMAÇÃO ENTRE EUA E CUBA

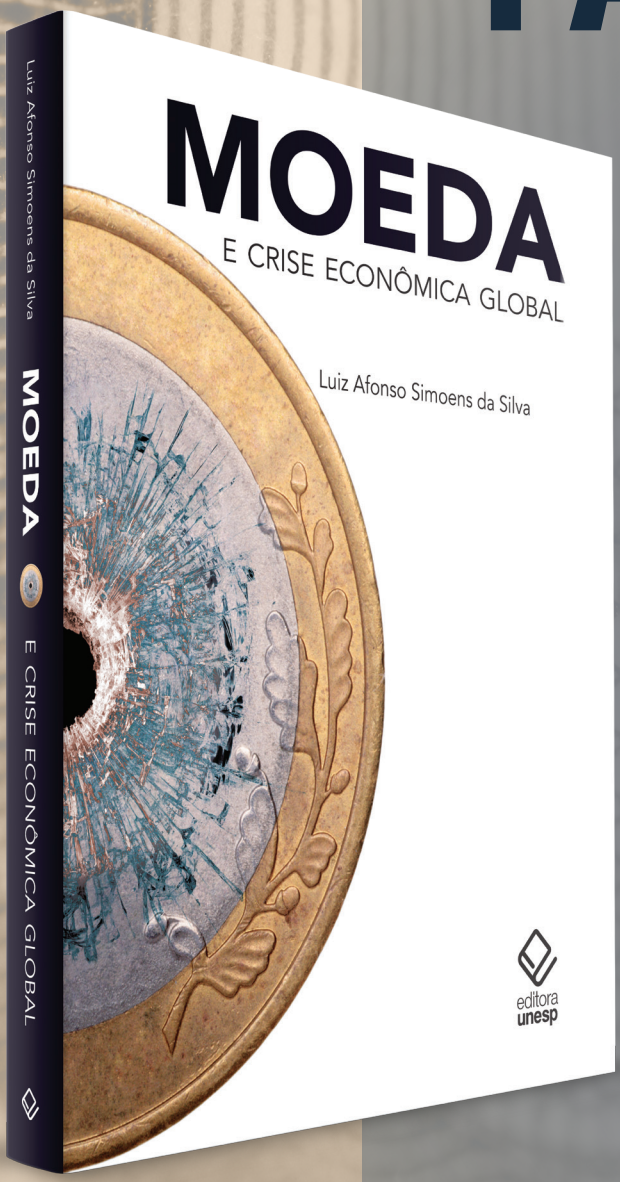
A ESCOLARIZAÇÃO DO ESTUDANTE COM SÍNDROME DE DOWN

EDUCAÇÃO ABERTA A DISTÂNCIA



© Vista geral da cidade de São Luiz do Paraitinga/Acervo Percival Tirapeli

O PIOR JÁ PASSOU?



Moeda e crise econômica global

Luiz Afonso Simoens da Silva

Empregando linguagem acessível ao leitor não especializado, o autor apresenta um panorama heterodoxo das principais tendências econômicas deste início de século. Precavido contra o otimismo infundado e munido de rigor analítico, investiga as entranhas desse labirinto contemporâneo e, evitando atalhos, perscruta possíveis alternativas para países como o Brasil, em que os efeitos da instabilidade permanente das finanças tendem a ser mais dramáticos.

editora unesp

Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987
www.editoraunesp.com.br

Governador
Geraldo Alckmin
Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação
Márcio França

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Reitor
Julio Cezar Durigan
Vice-reitora
Marilza Vieira Cunha Rudge
Pró-reitor de Administração
Carlos Antonio Gamero
Pró-reitor de Pós-Graduação
Eduardo Kokubun
Pró-reitor de Graduação
Laurence Duarte Colvara
Pró-reitora de Extensão Universitária
Mariângela Spotti Lopes Fujita
Pró-reitora de Pesquisa
Maria José Soares Mendes Giannini
Secretária-geral
Maria Dalva Silva Pagotto
Chefe de Gabinete
Roberval Daiton Vieira
Assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e Imprensa
Oscar D'Ambrosio

editora unesp
fundação
Presidente do Conselho Curador
Mário Sérgio Vasconcelos
Diretor-presidente
José Castilho Marques Neto
Editor-executivo
Jézio Hernani Bomfim Gutierre
Superintendente administrativo e financeiro
William de Souza Agostinho

unespciência
Diretor de redação Oscar D'Ambrosio
Arte Hankô Design (Ricardo Miura)
Assistente de arte Andréa Cardoso
Colaboradores Andrés Serbin, Eduardo José Afonso, Jefferson Nascimento de Oliveira, José, Luiz Riani Costa, Keith Daiani, Marco Aurélio Nogueira, Marcos Cordeiro Pires, Neusa Maria Pereira Bojikian, Sonia Alda Mejías, Vera Lúcia MessiasFialho Capellini (artigos); Acervo Percival Tirapeli, Arquivo Pessoal Wilson Galhego Garcia, Daniel Patire, Eduardo José Afonso, Fernando Starikuns, Iliana Bar, João Paulo Vani, João Rosan (Jornal da Cidade de Bauru), Paulo Velloso, Victor Hugo Mori (foto); Daniel Patire, Jessica Miwa, Paulo Velloso, (reportagem); Genira Chagas (tradução)
Revisão Maria Luiza Simões
Projeto gráfico Hankô Design (Ricardo Miura)
Produção Mara Regina Marcato
Apoio de internet Marcelo Carneiro da Silva
Apoio administrativo Thiago Henrique Lúcio
Endereço Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, CEP 01049-010, São Paulo, SP. Tel. (11) 5627-0327.
www.unespciencia.com.br;
revistaunespciencia@reitoria.unesp.br

Impressão Coan Gráfica
Tiragem 6 mil exemplares
É autorizada a reprodução total ou parcial de textos e imagens desde que citada a fonte. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da Universidade.

Acordo entre conteúdo e forma

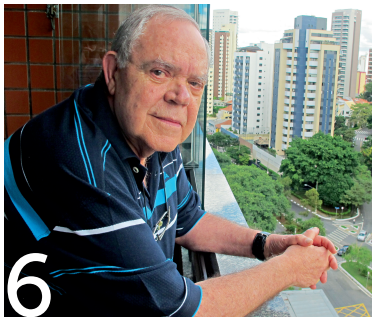
O dramaturgo norueguês Ibsen (1828 – 1906) disse que "a beleza é o acordo entre o conteúdo e a forma". Esse é o mote da matéria de capa da revista **Unesp Ciência** deste mês, que enfoca a Arte Sacra que caracteriza o Vale do Paraíba, em São Paulo, SP, conhecido como o Vale da Fé. Trata-se de uma jornada pela arquitetura religiosa e o urbanismo da região, a partir de livro do professor Percival Tirapeli, do Instituto de Artes, sediado na Capital paulista.

Antes de chegar nessa reportagem, o leitor pode conhecer a caminhada de José Ribeiro Júnior, hoje com 75 anos, que atuou em diversos cargos na Administração Geral da Universidade, além de ler uma homenagem ao arquiteto e urbanista Vilanova Artigas, cujo centenário de nascimento ocorre este ano.

A reaproximação entre EUA e Cuba motiva um dos dossiês da publicação. O outro, sobre síndrome de Down, reúne artigo, entrevista, reportagem e ensaio fotográfico sobre o tema, em um conjunto de textos e imagens que lançam luz sobre um tema que ainda é tabu para muitos.

Educação a distância, homofobia na escola, uma reflexão sobre a doença de Alzheimer, um projeto contra cárie que já atendeu mais de 6 mil crianças no Interior paulista e um pensar sobre o bairro paulistano da Vila Madalena, transformado, no último Carnaval, num campo de batalha entre "foliões", moradores e policiais, mostram a diversidade de pensamento e de atuação de pesquisadores da Unesp.

A discussão sobre a autoria de obra central sobre a expansão ultramarina espanhola, a descrição do percurso da artista plástica Hannelore Jacobowitz, uma imagem da Unesp de São José do Rio Preto e um texto sobre o Dia Mundial da Água encerram a edição, construída pela nossa equipe com a convicção de que, como dizia Ibsen, conteúdo e forma podem caminhar juntos rumo à beleza.



6
PERSONALIDADE
José Ribeiro Júnior
A história total, por PAULO VELLOSO



10
HOMENAGEM
O centenário de Artigas, arquiteto militante
MARCO AURÉLIO NOGUEIRA



28
ENSINO
Educação aberta a alguns cliques de distância, por JESSICA MIWA



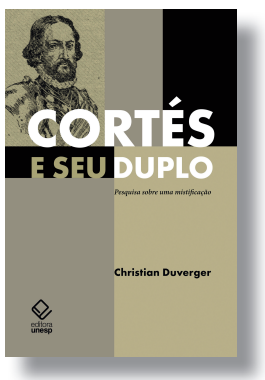
48
FOTO DO MÊS
O Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da Unesp, por JOÃO PAULO VANI



12
ARQUITETURA
Vale da Fé, por OSCAR D´AMBROSIO



20
DOSSIÊ CUBA E EUA
Um aperto de mãos e relações bilaterais reatadas NEUSA MARIA PEREIRA BOJIKIAN e MARCOS CORDEIRO PIRES
Cuba e o fim do isolamento: êxito da América Latina – SONIA ALDA MEJÍAS
Cuba e Estados Unidos: todos ganham? – ANDRÉS SERBIN



45
LEITURA
Cortés e seu duplo: pesquisa sobre uma mistificação, de CHRISTIAN DUVERGER





44
HISTÓRIA
Vila Madalena, sabe lá o que é isto?
EDUARDO JOSÉ AFONSO

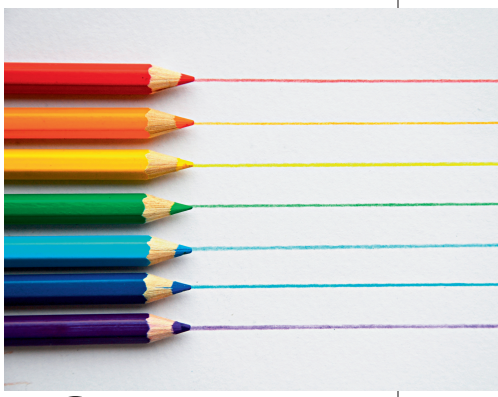


42
SAÚDE
Projeto contra cárie já atendeu mais de 6 mil crianças





40
CINEMA
Alzheimer nas telas, mais perto de você
JOSÉ LUIZ RIANI COSTA



38
VIOLÊNCIA
Homofobia na escola
KEITH DAIANI



46
ARTE E CULTURA
HANNELORE JACOBOWITZ
A força da existência, por OSCAR D'AMBROSIO

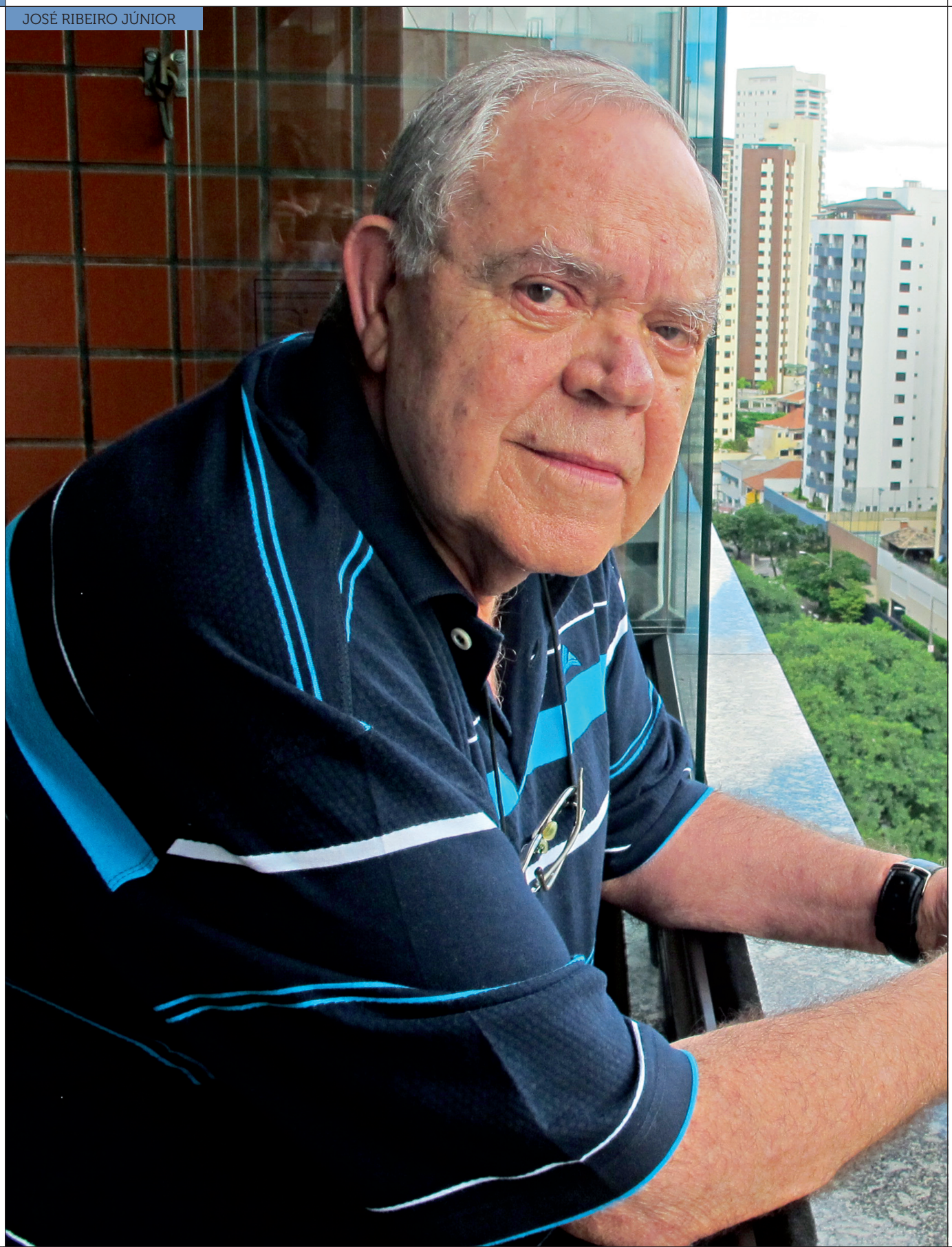


30
DOSSIÊ SÍNDROME DE DOWN
A escolarização do estudante
VERA LÚCIA MESSIAS FIALHO CAPELLINI
Especialista fala sobre inclusão
JESSICA MIWA
Entrevista com Anna Augusta Sampaio de Oliveira, por MARISTELA GARMES



50
OPINIÃO
Um dia de reflexão
JEFFERSON NASCIMENTO DE OLIVEIRA

JOSÉ RIBEIRO JÚNIOR



© Paulo Velloso

José Ribeiro Júnior

A HISTÓRIA TOTAL

"TER CRESCIDO COM A UNIVERSIDADE FOI UMA EXPERIÊNCIA EMPOLGANTE", GARANTE O HISTORIADOR, COM QUASE MEIO SÉCULO DEDICADO AO MAGISTÉRIO E À PESQUISA.

Texto de Paulo Velloso

Desde o início, não houve dúvida. Já a partir da adolescência, José Ribeiro Júnior sabia que seu objeto de estudo estaria, de alguma maneira, estreitamente ligado ao homem. Restava a questão: que caminho trilhar para melhor aproximar-se de fenômeno tão complexo como a trajetória da humanidade sobre a Terra? Chegou a pensar em Biologia, logo descartada, e andou de namoro com a Psicologia – que acabou cedendo espaço, em definitivo, para a História.

Curioso, de temperamento inquieto, Ribeiro Júnior buscava uma visão universal da vida. "Queria alguma coisa que fosse bem abrangente e que me desse a oportunidade de estudar o homem em sociedade", lembra, hoje. "Imaginei que a História pudesse me oferecer essa abordagem, e estava certo." Se a opção foi certeira, a época da escolha inspirava cuidados.

Nascido e criado em São Paulo, no bairro operário do Brás, Ribeiro Júnior formou-se na USP, em 1964, no que chama de "ano fatídico". Já na colação de grau, um sinal do que viria pela frente: o patrono da turma, o físico Mario Schenberg, foi impedido de falar, vetado pelos militares. "O substituto, Florestan Fernandes, acabou por fazer um discurso memorável, em que traçava linhas de enfrentamento da ditadura e que, logo depois, foi publicado pela *Revista Civilização Brasileira* e acabou tornando-se um clássico da resistência."

VETADO PELOS MILITARES, O PATRONO DA TURMA, MARIO SCHENBERG, FOI IMPEDIDO DE DISCURSAR.

Sobretudo para quem, como Ribeiro, ambicionava empreender uma crônica da vida cotidiana do País, a atmosfera em São Paulo, depreende-se, não era das melhores. Sob incômoda vigilância, decidiu (julho de 1965) afivelar as malas e, com a mulher e os dois filhos – Josete, de um ano e meio, e Ricardo, com três meses –, rumou para a então Faculdade de Filosofia de Assis (Fafia), no interior de São Paulo, onde acabara de ser aprovado em concurso.

A instituição vivia um grande momento, e a cidade recebia de braços abertos os novos docentes. "Já existia lá, um espírito de estudo e crítica literária de um Antônio Candido, trabalhando num excelente curso de Letras, criado por Antonio Soares Amora que teve continuidade com o espanhol Julio Garcia Morejon, um literato de raro dinamismo", descreve. "Ter ido para Assis, na-

JOSÉ RIBEIRO JÚNIOR



© Arquivo pessoal

Livros publicados por José Ribeiro Júnior

quele momento, foi o melhor passo que dei na minha vida." Recém-formado, Ribeiro admite ter concluído na Fafia a sua formação: "Inexperiente, fui morrendo de medo pela responsabilidade de responder pela disciplina História do Brasil. Mas recebi total apoio dos colegas". E que colegas: com Ribeiro, aportaram na faculdade nomes como Nilo Odália, Heloísa e Manoel Bellotto, Anna Maria Martinez Correa,Virgílio Noya Pinto, Antonio Carlos Bernardo e Jaime Pinsky, entre outros.

O CONTATO COM A CAPITAL FRANCESA ERA TÃO GRANDE QUE SE BRINCAVA: "DE PARIS PARA ASSIS".

Outro grande momento de transformação viria a seguir: uma temporada de estudos em Portugal, com bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Durante seis meses, Ribeiro pesquisou o tema Companhia de Pernambuco e Paraíba, no período compreendido entre 1750 e 1777. "Voltei ao Brasil com muito material e bastante motivado", recorda. Com base nas informações recolhidas, redigiu o mestrado e escreveu a tese de doutorado *Colonização e monopólio no Nordeste brasileiro*, depois publicada pela editora Hucitec em 1976 e segunda edição em 2004.

Seguiu-se, então, um período de profundas pesquisas históricas e de intensas atividades administrativas. Ribeiro dirigiu por quatro anos a seção regional São Paulo da Associação Nacional de História (Anphu) e por dois anos a Nacional, que reúne, bienalmente, mais de cinco mil associados em seus eventos, e a Associação de Historiadores Latino-Americanos e do Caribe (Adhilac), com sede em Cuba. "Em meio a tudo isso, existia uma grande ebulição intelectual, com estudos aprofundados da chamada linha braudeliana', e de ingleses como Eric Hobsbawm", afirma.

A formação historiográfica tomada aos mestres franceses marcou Assis de tal forma que, num período, usava-se a expressão "de Paris para Assis" para designar o trânsito de docentes que estudavam na França e vinham contratados pela Fafia.Essa base, mais os estudo do Materialismo Histórico, levaram essa prmeira turma de docentes de História a buscar uma História Total, infensa a determinismos parciais, adotando-se uma História integradora. Não impressionava bem ao entrevistado a "Nouvelle Histoire". Houve evoluções poste-



© Daniel Patire

José Ribeiro Junior (*à esq.*), então ouvidor da Unesp, em sessão do Conselho Universitário em 2012

riores que integraram problemáticas isoladas em estruturas mais amplas dando sentido à nova tendência.

Com a experiência administrativa adquirida em Assis – foi chefe de departamento e diretor da Unidade (1987-1991), a essa altura já incorporada à Unesp com o nome de Faculdade de Ciências e Letras –, Ribeiro iniciou sua aproximação com a Reitoria. "Convidado pelo então reitor Arthur Roquete de Macedo, assumi a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa", relata. Foi um trabalho árduo e de muitas conquistas para a Unesp. Em seguida, foi diretor para o Mercosul, por dois anos, da Asociación Universitária Iberoamericana de Posgrado (AUIP), com sede em Salamanca, Espanha, até ser nomeado diretor-presidente da Vunesp – Fundação para o Vestibular da Unesp, onde ficou até 2001.

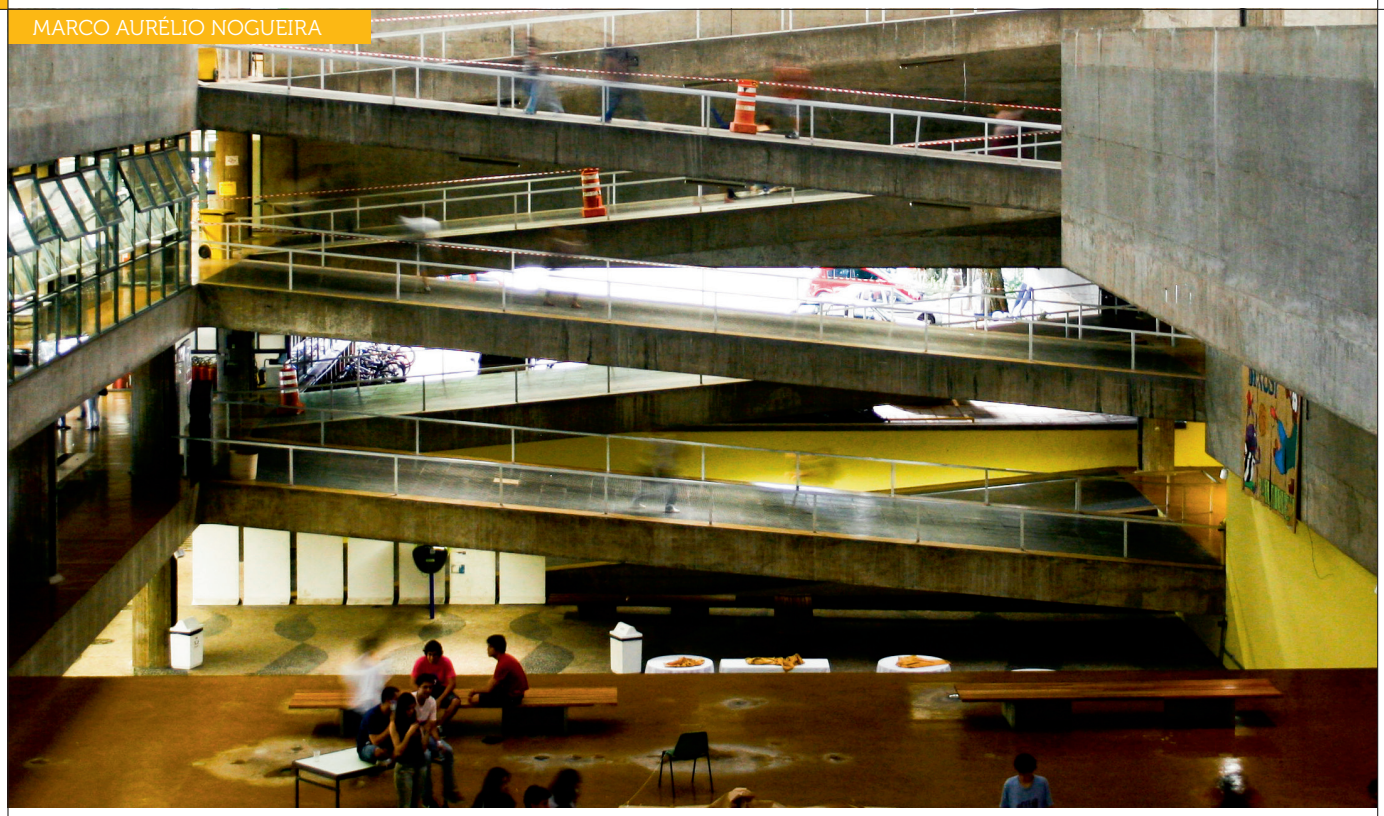
Fiel à máxima do historiador francês Lucien Febvre, para quem "viver é mudar", Ribeiro Júnior aposentou-se em meados de 2001 – mas não parou. "Aceitei convite muito honroso do estudioso István Jancsó, que era Diretor do IEB, USP, onde dei andamento às pesquisas sobre História de Pernambuco, frequentando um excelente grupo de professores e pesquisadores, a maioria da USP, que estudava Estado e Nação no Brasil".

Em 2004 aceitou o convite-desafio do reitor Marcos Macari para criar a Ouvidoria da Unesp. "Estávamos bastante atrasados em relação à USP e à Unicamp, que já tinham suas ouvidorias há algum tempo", diz. "Montei a estrutura, com todo o apoio reitoral e fiquei por lá até 2013, quando, mais uma vez, chegou a hora de mudar." Penso ter cumprido o meu dever, como em outras funções

Aos 75 anos, cinco netos, quase meio século de Universidade, José Ribeiro Júnior garante que, passando a vida em retrospecto, não se arrepende de nada. "Não digo que faria tudo de novo, igualzinho, porque adoro mudar, mas crescer com a Unesp foi uma experiência dignificante e, até hoje, empolgante", diz. "Ter dedicado minha vida ao magistério, pesquisa e organização do trabalho no mundo universitário, vivenciando integralmente a minha vocação, me dá a certeza de ter cumprido a minha missão." UC

"AO TER DEDICADO MINHA VIDA AO MAGISTÉRIO, VIVI INTEGRALMENTE A MINHA VOCAÇÃO."

MARCO AURÉLIO NOGUEIRA



© Felipe Lavignatti

O centenário de Artigas, arquiteto militante

Tombado como patrimônio cultural do Estado, o prédio da FAU/USP é considerado uma das obras-mestras de Artigas

Num momento em que aumenta a perplexidade diante das cidades modernas, e em São Paulo cresce a discussão sobre habitação popular e mobilidade, vale a pena retornar aos arquitetos e urbanistas que marcaram época com seu trabalho e suas criações. João Batista Vilanova Artigas (1915-1985) é certamente um deles.

Um dos mais importantes arquitetos brasileiros do século 20, Artigas merece atenção técnica, política e cultural. Em 2015, diversas iniciativas registrarão o centenário de seu nascimento, ajudando-nos a compreender o papel emblemático que desempenhou entre nós.

Paranaense de Curitiba, Vilanova Artigas formou-se na Escola Politécnica da USP (1937) e radicou-se em São Paulo. Foi fundador (1948) e professor universitário da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), cujo prédio na Cidade Universitária ele mesmo projetaria. A partir de então, desempenhou papel-chave na prática e no ensino da arquitetura. No início dos anos 1960, coordenou a reestruturação curricular do curso, contribuindo para fazer com que a arquitetura brasileira passasse a considerar a generalidade dos problemas da criatividade espacial numa sociedade que se urbanizava aceleradamente, trazendo consigo a expansão imobiliária e o desafio da habitação popular. A reforma foi implementada em 1962, mas terminou por ser paulatinamente desfigurada.

O golpe de 1964 caiu pesado sobre Artigas e a intelectualidade. Ele foi preso, enfrentou um inquérito policial-militar, exilou-se por um tempo no Uruguai. Voltou à FAU em 1965, mas pouco depois, em 1969, foi cassado e afastado compulsoriamente da USP, juntamente com vários outros colegas.

Artigas era comunista assumido, condição que naquela época servia de pretexto para tudo.

Somente reassumiu suas aulas na FAU em 1980, com a anistia. Ao retornar, o ambiente era outro, ele parecia um estranho no ninho, foi considerado sem um currículo acadêmico

compatível com sua condição formal anterior. Por quatro anos amargou a condição de auxiliar de ensino e a protelação injustificada de sua demanda pela abertura de um concurso que lhe devolvesse a cátedra que lhe tinha sido usurpada. O clima ideológico que se seguiu a 64 combinou-se com a escalada da burocratização nos ambientes acadêmicos, que teimaram em negar a Artigas o reconhecimento que já havia obtido ao longo de sua trajetória profissional e intelectual. Em junho de 1984, finalmente, submeteu-se às provas do concurso para professor titular do Departamento de Projetos.

Artigas desenvolveu intenso trabalho arquitetônico entre 1940 e 1980. Entre as centenas de projetos e grandes obras, destacam-se o Estádio do Morumbi (1953), as estações rodoviárias de Londrina (PR, 1950) e Jaú (SP, 1970), o Anhembi Tênis Clube (1961), o Edifício Louveira, no bairro de Higienópolis, em São Paulo (1946), residências particulares, escolas e centros sindicais. Em 1968, juntamente com os arquitetos Paulo Mendes da Rocha e Fábio Penteado, concebeu e supervisionou a construção do Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado (Parque Cecap), um dos marcos da política habitacional e das relações entre arquitetura e poder público. A Union Internationale des Architectes (UIA) atribuiu-lhe os Prêmios Jean Tschumi, 1972, por sua contribuição ao ensino de arquitetura, e Auguste Perret, 1985, pelas pesquisas de tecnologia aplicada à arquitetura.

Sua ópera magna, o prédio da FAU (1961), destaca-se como materialização arquitetônica de um conceito de escola. O prédio não tem portas e se espalha sob uma cobertura única, como que para indicar que o aprendizado é um processo aberto e criativo, em que todos ensinam e aprendem, uma praça pública, uma ágora, um espaço democrático, urbano e político, maior e mais importante do que o recinto fechado de uma sala de aula.

Artigas sempre se debateu com uma espécie de abismo que se abria entre a função do arquiteto e sua capacidade real de questionar a estrutura capitalista de desigualdades e tensões. Sua militância ardorosa e polêmica foi em boa medida o reflexo disso. Sentiu na pele as contradições e os choques técnicos, formais, políticos e ideológicos que emergiam de uma sociedade que se modernizava sem deixar de ser "subdesenvolvida". Para ele, o arquiteto não era um prisioneiro de suas circunstâncias e podia se erguer mais alto, valendo-se da capacidade de "elaborar propostas de futuro em termos utópicos" e de "pôr a imaginação a serviço da felicidade humana".

SUA ÓPERA MAGNA, O PRÉDIO DA FAU (1961), DESTACA-SE COMO MATERIALIZAÇÃO ARQUITETÔNICA DE UM CONCEITO DE ESCOLA.

Artigas apostou enfaticamente na dimensão civilizatória da industrialização, a partir da qual seria possível "fazer casa para todos" mediante, por exemplo, a disseminação de componentes pré-fabricados. Não se cansou de denunciar as misérias da especulação imobiliária e da dinâmica mercadológica que plasmava e elitizava tudo. Foi um dublê de técnico e artista humanista: apaixonado, indignado com as injustiças do mundo, zeloso do "direito de manter suas utopias". Um modernista recomposto em tom nacional-popular.

Jamais abriu mão da concepção da arquitetura como "uma espécie de direito à beleza", uma atividade que deveria ter uma poesia no centro: que dignifica a pessoa e o cidadão, trata todos como iguais, desdobrando-se numa cidade pensada como polis.

Vilanova Artigas morreu angustiado com o legado dramático do aggiornamento capitalista e do golpe de 1964, que "nos entregaram um país onde os problemas sociais que o arquiteto teria de assimilar, em face, digamos, da cidade de São Paulo, são de tal ordem que apavoram qualquer cidadão". A arquitetura e o urbanismo tinham uma dura e nobre missão a cumprir, que ele definiu de maneira pungente: "A felicidade de um povo se mede pela beleza de sua cidade". Ao nos lembrar disso agora, seu legado se mostra com o viço da juventude.

Marco Aurélio Nogueira é professor titular de Teoria Política e diretor do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais da Unesp.

Este artigo foi publicado originalmente em *O Estado de S.Paulo* de 28 de fevereiro de 2015.

OSCAR D'AMBROSIO





Vista para a Serra da Mantiqueira, Monteiro Lobato, SP

Vale da Fé

PESQUISA APRESENTA A ARTE SACRA QUE CARACTERIZA O VALE DO PARAÍBA

O objetivo da obra *Arquitetura e Urbanismo no Vale do Paraíba – do colonial ao eclético* (Editora Unesp e Edições Sesc SP), de Percival Tirapeli, professor do Instituto de Artes (IA) da Unesp, é aprofundar o conhecimento e valorizar a arquitetura religiosa e o urbanismo relacionados às diversas fases do desenvolvimento econômico do Vale do Paraíba, conhecido como o Vale da Fé.

O autor aponta como a região, que se estende ao longo da bacia do Rio Paraíba do Sul, entre os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, desenvolveu-se a partir do ciclo do café (1830--1930) e manteve importância econômica com o subsequente processo de industrialização.

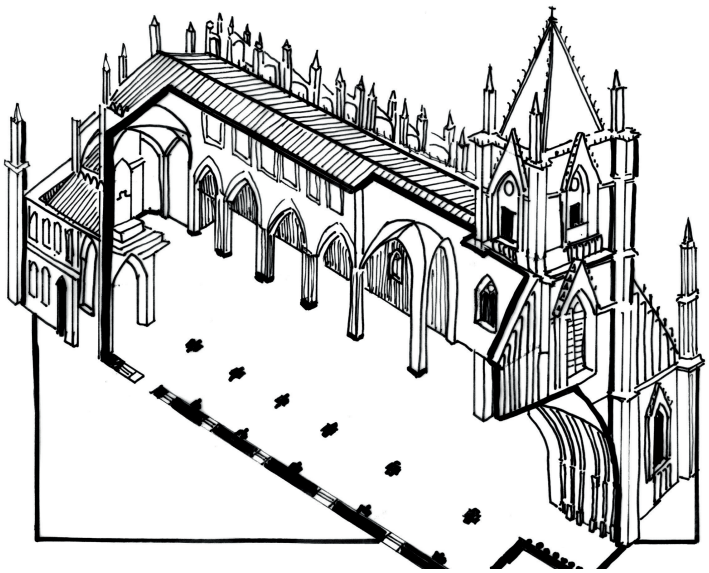
"Diferentemente dos estudos em geral sobre as fazendas de café da região, esta pesquisa enfatiza a arte sacra que tanto caracteriza o Vale. Ela floresceu ao lado das inúmeras manifestações religiosas características da região", diz Tirapeli.

© Acervo Percival Tirapeli



Praça da igreja Matriz em São Luiz do Paraitinga, SP

Matriz de São Bento, São Bento do Sapucaí



© Acervo Percival Tirapeli

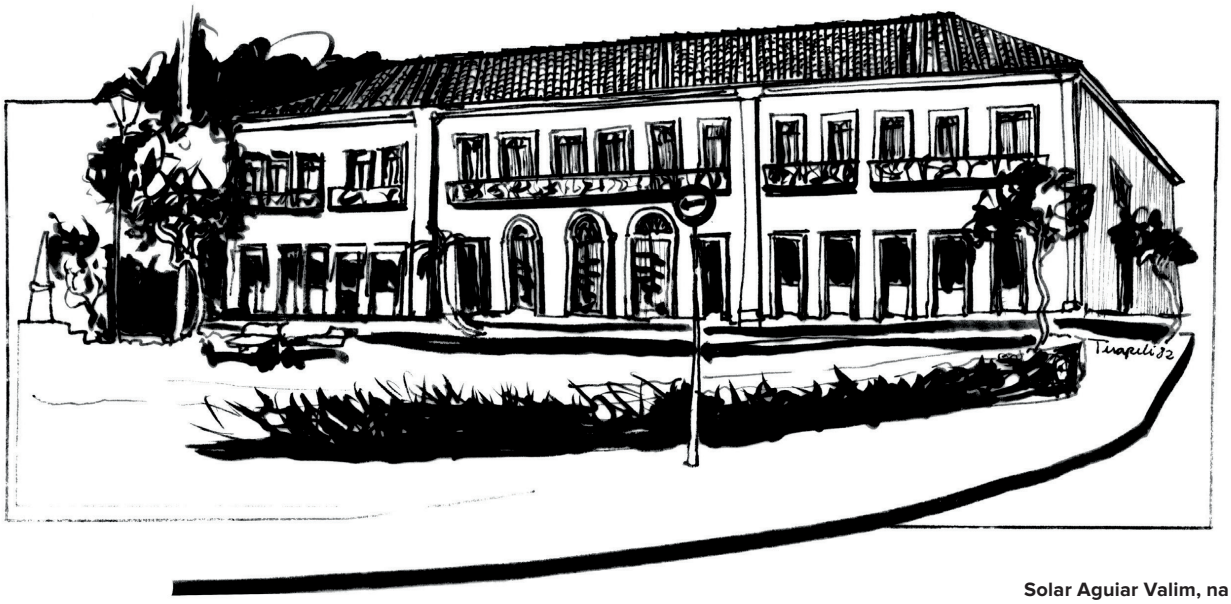
O destaque do livro está no estudo das construções religiosas. O estudo nasceu do pressuposto de que o templo religioso foi, no período colonial, o principal centro religioso e cultural ao redor do qual as vilas cresceram. A igreja matriz tornou-se desde então o foco visual na praça principal.

A obra é, em parte, o conteúdo da dissertação de mestrado "A construção religiosa no contexto urbano do Vale do Paraíba, estado de São Paulo", defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) em 1984, incluindo os desenhos a bico de pena que Tirapeli fez na época. Para esta edição, foram ampliados os estudos e as análises de igrejas do período republicano até 1950, realizados novos desenhos e produzidas novas fotografias entre 2010 e 2014.

O livro reúne os anos de vivência do autor com a arte do Vale, desde a adolescência, no Seminário de Santo Afonso, em Aparecida; a publicação de diversos livros sobre arte sacra; e a sua atuação como consultor do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueo-



© Victor Hugo Mori



Solar Aguiar Valim, na Praça Rubião Júnior, Bananal

© Acervo Percival Tirapeli



© Victor Hugo Mori



© Academia de Artes de Viena, Áustria

Fazenda Pau d'Alho. Terreiro visto desde a senzala com o antigo engenho de cachaça (*à esq.*) e residência ao fundo. São José do Barreiro, SP, 1818



© Academia de Artes de Viena, Áustria

Fragmento de aquarela de Thomas Ender. O convento franciscano em Taubaté, 1817.

Fragmento de aquarela de Thomas Ender. Vista da Igreja e Capela de Nossa Senhora Aparecida, 1817.

lógico, Artístico e Turístico (Condephaat) nos relatos sobre a arquitetura sacra do Vale do Paraíba, em 2010.

Percival conta como a urbanização do Vale do Paraíba foi direcionada para se criar um rosário de vilas no caminho entre as serras do Mar e da Mantiqueira, ao longo do Rio Paraíba do Sul, em busca das minas de ouro, com a consequente ocupação territorial serra acima em trilhas indígenas.

A publicação aponta ainda como, com o progresso econômico, as construções religiosas passaram por reformas de atualização estilística, na maioria das vezes sobre as estruturas construtivas de taipa de pilão, presentes até o final do século XIX.

As fazendas, por exemplo, outrora apenas incipientes engenhos de cana-de-açúcar, aguardente e farinha de mandioca, passaram, com a cultura do café, a receber escravos. Com a riqueza dos fazendeiros, as sedes de fazendas foram ampliadas e embelezadas, e as antigas capelas em taipa de pilão passaram a receber ornamentos estruturais.

Os edifícios governamentais, como a Cadeia e a Casa da Câmara, passam a receber destaque com o crescimento das cidades. Muitos



Esquema das diversas igrejas de Nossa Senhora Aparecida, SP

© Acervo Percival Tirapeli



© Daniel Patire

Tirapeli: a construção das cidades expressa o poder da Igreja Católica

LIVRO É REFERENCIAL PARA ÓRGÃOS DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Texto Daniel Patire

O livro *Arquitetura e Urbanismo no Vale do Paraíba – do colonial ao eclético*, de Percival Tirapeli, teve diversos lançamentos. O primeiro deles foi na Livraria da Vila do Shopping Higienópolis, em São Paulo, dia 25 de março, com mesa-redonda que teve a participação de Ana Luíza Martins (historiadora) e Victor Hugo Mori (arquiteto) e sessão de autógrafos.

"O livro já é um referencial para os órgãos de patrimônio histórico do país. Dá embasamento para o que deve ser protegido", afirmou a conselheira do Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo) e historiadora Ana Luiza Martins. Destacou a abrangência da pesquisa, que, a partir da arquitetura das igrejas da região, aponta o desenvolvimento das cidades desde o século XVI até a metade do XX.

Para Ana Luiza, o Vale do Paraíba representa a própria história e formação do Brasil, com seus ciclos econômicos e políticos. Localizada entre as serras da Mantiqueira e do Mar, a região vivenciou a busca do ouro, nas primeiras viagens exploratórias e como rota vinda de Minas Gerais para Paraty.

Teve ainda o período do açúcar. "Mas foi com as plantações de café que obteve riqueza. Após a metade do século XIX, a região teve seu auge econômico, e viu a modernização avançar pelas linhas de trem, como as construções das estações ferroviárias."

De acordo com a historiadora, a pesquisa do professor da Unesp abarca todo esse desenvolvimento, por meio da análise da arquitetura das cidades formadas ao longo dos rios da bacia do Paraíba do Sul. "A arquitetura é a história cristalizada", concluiu.

Já na visão do arquiteto Victor Hugo Mori, o livro preenche uma lacuna nas pesquisas sobre arte e arquitetura no país, ao registrar a importância do chamado Ecletismo nas construções das igrejas, capelas e palacetes, no final do século XIX e início do XX. Mesclando elementos de outros períodos, como Rococó, Barroco, Neoclassicismo, essa escola arquitetônica influenciou as principais construções da região no seu período de auge econômico.

Mori apontou que, adotando uma ideologia modernista, o Sphan (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), sob a tutela de Lúcio Costa (1902-1998), entendia a história arquitetônica e artística do país de forma linear, com uma passagem direta do Barroco para o Modernismo.

Dessa forma, o Serviço, que mais tarde passaria a se chamar Instituto, tentou apagar o Ecletismo no país, muito importante no final dos anos 1930 e anos 1940. "Nesse contexto, o livro de Tirapeli nos redime de um erro para a conservação do patrimônio histórico do país", salientou Mori, que atua como conselheiro e arquiteto no Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

A construção das cidades, tendo como centro as igrejas, expressa o poder da Igreja Católica no período estudado. "Mesmo com a vida mundana que crescia, a Igreja ainda era o foco visual da cidade", avaliou Tirapeli, ao falar do desenvolvimento das cidades e da construção dos palacetes, sobretudo no período do café. "Mostro a construção das cidades tendo como foco irradiador a construção das igrejas, ampliando-se para casarios, estações ferroviárias e escolas da Primeira República."



© Acervo Percival Tirapeli

Palacete Palmeira, Pindamonhangaba, SP

deles também eram originalmente feitos de taipa de pilão.

Herança dos bandeirantes, a técnica, de uso comum até a metade do século XIX pela sua resistência, revelou-se apropriada para as igrejas com torres de grandes alturas, cujas bases correspondiam aos corredores laterais ao longo das amplas naves.

No século XX, a região assistiu ao incremento da economia brasileira até a era industrial. Sua posição de corredor e passagem de riquezas e cultura tornou-a vulnerável aos modismos, devido à intensa receptividade de influências. "Essas transformações impossibilitaram ao Vale, já globalizado graças aos intensos intercâmbios comerciais e técnicos, criar uma arquitetura própria", acredita Tirapeli.

O Vale, para o autor, é um campo experimental das transformações econômicas – períodos do ouro, do café, da pecuária e da indústria – e sociais, com os regimes de trabalho escravo do negro africano, e livre dos imigrantes, e a passagem das técnicas construtivas artesanais para a mão de obra especializada de construtores, mestres e arquitetos.

No Império, o Vale, com o cultivo do café e a predominância de novas ideias racionalistas, passou por uma fase de construção de palacetes. "Isso conflitava com a importância de conservar a religiosidade colonial. As construções religiosas mantiveram-se como locais de festas, e a Igreja permaneceu como irradiadora dos pensamentos morais e expressão do prestígio local dos barões do café", analisa o autor.

O VALE É UM CAMPO EXPERIMENTAL DE TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E SOCIAIS

"Pesquisar e escrever esta obra proporcionou-me a alegria de rever e reestudar essa belíssima e importante região brasileira que tanto me marca como pesquisador e artista", conclui Tirapeli. UC



© Shutterstock

Retomada histórica

TRÊS ARTIGOS DISCUTEM AS INICIATIVAS QUE MARCARAM A REAPROXIMAÇÃO

UM APERTO DE MÃOS E RELAÇÕES BILATERAIS REATADAS

NEUSA MARIA PEREIRA BOJIKIAN E
MARCOS CORDEIRO PIRES

A retomada das relações bilaterais entre Estados Unidos e Cuba foi anunciada exatamente um ano depois do aperto de mãos entre os presidentes Barack Obama e Raul Castro, ocorrido em dezembro de 2013, durante o funeral de Nelson Mandela. No anúncio, Barack Obama comunicou as principais iniciativas que marcaram a reaproximação entre os dois países, quais sejam: a libertação de Alan Gross, norte-americano preso em Cuba desde 2009; a troca de prisioneiros – 53 presos cubanos (identificados como presos políticos pelos Estados Unidos) por três cubanos restantes de um grupo de cinco presos nos Estados Unidos, os quais foram sentenciados por espionagem desde 1998; a abertura de embaixada em Havana; o aumento do teto permitido para o envio de remessas financeiras a Cuba.

Essas iniciativas, que na verdade simbolizam a retirada da designação de Cuba como um Estado que apoia o terrorismo, resultam de um acordo negociado secretamente por dezoito meses, em grande parte mediado pelo Canadá e encorajado pelo Papa Francisco, que organizou uma reunião final no Vaticano. Obama e o presidente de Cuba, Raul Castro, concordaram, por meio de uma ligação telefônica, em dar fim a uma "abordagem ultrapassada", que, por aproximadamente cinco décadas, minou os interesses dos Estados Unidos e de Cuba.

OS CRÍTICOS À POLÍTICA DE APROXIMAÇÃO TENDEM A ATRIBUIR POUCA RELEVÂNCIA ECONÔMICA A CUBA

A despeito da grandeza de tais iniciativas, que caracterizam um ponto de inflexão na política norte-americana em relação a Cuba, ainda não se contemplou o fim do embargo contra a economia cubana. Em razão disso, cabe questionar: por que não? Quais fatores poderiam mudar essa decisão? Na avaliação

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 26 de janeiro de 2015.



da Administração Obama, a política dura no que diz respeito a Cuba não atingiu os objetivos pretendidos. Ainda assim, normalizar as relações econômicas com tal país é um desafio, pois contraria os interesses de uma significativa parcela de ex-cidadãos cubanos, muito ativos politicamente e que preferem manter o estado atual. Além disso, os críticos à política de aproximação tendem a atribuir pouca relevância econômica a Cuba, pois seria um país pequeno, supostamente com pouco benefício econômico para os EUA, mesmo com o livre comércio e circulação de pessoas. Mas será mesmo?

Em primeiro lugar, há, sim, interesses econômicos de fortes setores dentro dos Estados Unidos. Logo após o anúncio da retomada das relações, manchetes e editoriais de todo o país mostraram o quanto Cuba é importante especialmente para os setores agrícola e portuário. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos declarou que Cuba era um comprador top de produtos agrícolas norte-americanos antes de os Estados Unidos cortarem os laços com a nação, em 1963. O país, localizado cerca de 100 milhas ao largo da costa da Flórida, importa a maioria de seus alimentos, segundo estimativas do USDA. Daí a esperança dos produtores agrícolas em retomar esta participação no mercado cubano. Mesmo o estado do Texas, majoritariamente conservador, tem a ganhar com a iniciativa da Administração Obama.

Outra questão a ser considerada refere-se ao impacto da aproximação de vários países com Cuba, sobretudo da Rússia e da China, sobre as estratégias políticas e econômicas dos Estados Unidos.

Ao perder o suporte econômico da União Soviética, Cuba foi construindo suas próprias relações econômicas com uma série de países – Brasil, Canadá, China, Espanha, Holanda, Rússia, Venezuela –, colhendo resultados no comércio e em investimentos. Na última década, com o apoio de Hugo Chávez, a Venezuela se tornou o mais imbricado parceiro econômico de Cuba, promovendo a troca de petróleo por serviços médicos. Em 2012, os

Neusa Maria Pereira Bojikian é professora de Negociações Internacionais do Curso de Relações Internacionais da Faculdade Santa Marcelina.

principais destinos das exportações cubanas foram: Venezuela, Holanda, Canadá e China. Além disso, Venezuela, China, Espanha, Brasil e Estados Unidos foram suas principais fontes de importação. Nesse contexto, merece atenção o incremento das relações com a Rússia e a China.

As relações russo-cubanas, que tinham diminuído significativamente com o fim da Guerra Fria, voltaram a se estreitar. Em 2008, o então presidente Dmitry Medvedev visitou Havana e, em 2009 e 2012, o presidente Raul Castro visitou a Rússia. Em 2014, por ocasião da Cúpula dos BRICS, no Brasil, o presidente Vladimir Putin também visitou Cuba. Pouco antes de chegar ao país, Putin assinou um acordo, eliminando 90% dos US$ 32 bilhões de dívida cubana com a extinta União Soviética e parcelou o restante, correspondente a US $ 3,5 bilhões, por um período de 10 anos, os quais seriam revertidos em investimentos russos em Cuba.

Já as relações com a China, as quais se mantiveram distantes no período da Guerra Fria, também foram incrementadas nos últimos anos com promoção do comércio e investimentos. O presidente chinês Hu Jintao visitou Cuba em 2004 e em 2008; já o então vice-presidente Xi Jinping visitou Cuba em 2011 e, depois, Raul Castro retribuiu a visita em 2012, ocasião em que os dois países assinaram acordos de cooperação sobre questões econômicas e de investimentos. Na sequência, em 2014, também por ocasião da Cúpula dos BRICS, no Brasil, Xi Jinping, já no cargo de presidente, visitou novamente Cuba, e os dois presidentes assinaram 29 acordos de comércio, empréstimos, cooperação em pesquisa e desenvolvimento em fármacos, além de um acordo entre as duas estatais Cubapetróleo (Cupet) e Companhia Nacional de Petróleo da China. Xi, ao receber a medalha José Martí, a mais alta honraria cubana, disse: "Sendo China e Cuba países socialistas, nós estamos estreitamente unidos pelas mesmas missões, ideais e lutas". Podemos adicionar outro elemento nesse contexto: a construção do canal bioceânico na Nicarágua por uma empresa chinesa, concorrendo com o Canal do Panamá, que poderá tornar o porto de águas profundas de Mariel um importante hub logístico e Cuba uma competitiva plataforma de exportações.

Vale lembrar que quando a Administração Obama assumiu o governo, em 2009, e o mundo atravessava o calor da crise financeira de 2007 e 2008, iniciou-se uma política de diálogo com o governo cubano, evidenciando esforços para melhorar as relações. Na Cúpula das Américas daquele ano, foi declarado: "os Estados Unidos buscam um novo começo com Cuba". Logo, o anúncio da reaproximação foi o cume de um longo percurso de entendimento realizado longe dos holofotes.

Marcos Cordeiro Pires é coordenador-geral e professor do Curso de Especialização em Negociações Econômicas e Operações Internacionais da Unesp.

AO PERDER O SUPORTE ECONÔMICO DA UNIÃO SOVIÉTICA, CUBA FOI CONSTRUINDO SUAS PRÓPRIAS RELAÇÕES ECONÔMICAS

Diante do exposto, cabe assinalar que a disposição para empreender uma agenda positiva pode indicar que o governo dos Estados Unidos esteja superando os preconceitos ideológicos e compreendendo o restabelecimento das relações com Cuba como uma peça no xadrez geopolítico mundial, competindo com a China e a Rússia não só pela manutenção de sua hegemonia na América Latina, mas também pelo controle dos conceitos, terminologias, regras e práticas dos processos econômicos globais.

CUBA E O FIM DO ISOLAMENTO: ÊXITO DA AMÉRICA LATINA

SONIA ALDA MEJÍAS

Muitas análises foram publicadas sobre o restabelecimento das relações entre Estados Unidos e Cuba, anunciado em 17/12/2014. Apesar disso, pouco ou nada tem sido falado sobre a importante contribuição da região latino-americana para que tal reaproximação ocorresse. Essa formidável atuação

também poderia ser qualificada como histórica, uma vez que a América Latina jamais atuou de forma planejada e sustentável em torno de um objetivo comum. Em outras palavras, um desempenho na condição de ator internacional autônomo, capaz de influenciar em âmbito externo, como no caso da política dos EUA para Cuba.

Neste sentido, é necessário ressaltar não somente a ação em si, mas também as consequências para as relações internacionais. Sobre isso, o Secretário de Estado dos EUA, John Kerry, mencionou que sinais de isolamento dos EUA no hemisfério Ocidental motivaram uma mudança da política externa norte-americana. Isto porque, desde 2008, todos os governos latino-americanos, de esquerda ou de direita, além do Canadá, não somente demonstraram rejeição ao isolamento imposto pelos EUA, como também não os convidaram a participar dos novos organismos latino-americanos criados nos últimos anos, enquanto Cuba é Estado membro desde que foram instituídos.

NÃO É POSSÍVEL COMPREENDER A NORMALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE EUA E CUBA SEM A PRESSÃO EXERCIDA PELA AMÉRICA LATINA

O sucesso da reaproximação EUA-Cuba tem muita relação com a liderança exercida pelo Brasil. Em 2008, a diplomacia brasileira, em uma demonstração de organização e capacidade de comando, reuniu toda a região na Costa de Sauípe (BA) para a Cúpula do Mercosul (Mercado Comum do Sul). Em outra ocasião, promoveu também a Cúpula da União das Nações Sul-Americanas (Unasul), além da Cúpula da América Latina e Caribe (CALC), a partir da qual foi formalizada, em 2010, a criação da CELAC (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos). Na CALC, pela primeira vez, reuniram-se todos os países da região, incluindo Cuba, Canadá e Espanha, menos os EUA.

Durante a CALC os membros demonstraram a vontade de ser uma região autônoma de outras áreas ou países e de ser um ator internacional. As primeiras demonstrações dessa autonomia foram a inclusão de Cuba nas iniciativas latino-americanas e a exigência aos EUA para por fim ao isolamento da ilha caribenha. A reincorporação de Cuba na região foi reafirmada pelas visitas oficiais de diversos presidentes latino-americanos, durante o ano de 2009. Todos os encontros foram precedidos por reuniões entre Luiz Inácio Lula da Silva (então presidente do Brasil) com Fidel e Raúl Castro (Cuba).

A criação da CELAC demonstrou a sustentação das ações e, em 2014, além de membro, Cuba foi a sede da II Cúpula da CELAC, adquirindo, assim, importante protagonismo. Cuba também é um destacado membro da ALBA (Aliança Bolivariana para as Américas), criada em 2004 e liderada por Hugo Chávez, para quem Fidel Castro foi um ídolo na realização de seus próprios projetos políticos.

Sem ser membro, Cuba também adquiriu protagonismo na OEA (Organização dos Estados Americanos). Como resultado da ação conjunta dos países e da pressão exercida, em 2009, a OEA falou da histórica suspensão que manteve Cuba isolada do organismo hemisférico. No entanto, de imediato, Havana deixou claro seu desinteresse em reintegrar-se em uma organização que considera superada por outras instituições regionais, como a CELAC ou a ALBA. Passado o tempo, após a normalização das relações com os EUA, Raúl Castro aceitou o convite realizado pelo presidente do Panamá, Juan Carlos Varela, para assistir à VII Cúpula das Américas, a ocorrer em abril de 2015.

O último passo importante, pelo qual Cuba tornou-se centro regional, foi a eleição de Havana pelo governo colombiano e pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) como sede para as negociações de paz. Neste caso, a mensagem é particularmente importante pelo fato de a Colômbia ser considerada,



Sonia Alda Mejías é pesquisadora principal para a área de América Latina do Instituto Universitário General Gutiérrez Mellado, em Madri. A convite do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, oferecido em conjunto por Unesp, Unicamp e PUC-SP, esteve no Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais da Unesp, em dezembro de 2014, e ministrou a disciplina "Violência na América Latina e Políticas de Segurança".

por seus vizinhos, um aliado dos EUA. Até pouco tempo seria impensável que o governo colombiano aceitasse Havana como sede de tal negociação. No entanto, para o país era importante afirmar que, mesmo sendo aliado dos EUA, não compartilhava a política de isolamento de Cuba.

Como os fatos demonstram, não é possível compreender a normalização das relações diplomáticas entre EUA e Cuba sem a pressão exercida pela América Latina de forma planejada. Foi um fato importante, mediante o qual os EUA passaram a contemplar o risco de verem-se isolados na região e, em certa medida, no resto do mundo. O mais importante, agora, é que a própria região tome consciência do sucesso da iniciativa. Até o momento, todos os líderes latino-americanos têm expressado satisfação pela proximidade alcançada entre os países, mas nenhum, inclusive o Brasil, se manifestou sobre o sucesso da contribuição da América Latina para que tal reaproximação ocorresse.

A região somente poderá ser um ator se tomar consciência de que pode chegar a sê-lo. Certamente é um projeto complicado, com enormes dificuldades, mas esta ação planejada pode ser um bom começo. No conjunto, a América Latina deveria valorizar a ideia e o Brasil deveria exercer a liderança.

Este texto foi publicado originalmente no site Infolatam: información y análises de América Latina.

Tradução: Genira Chagas


FEDERAL RESERVE NOTE
LB29125512C
100
FRANKLIN
SERIES 2009 A
THIS NOTE IS LE
FOR ALL DEBTS, PUBLIC AND
RESERVE
ONE

CUBA E ESTADOS UNIDOS: TODOS GANHAM?

ANDRÉS SERBIN

Uma série de medidas amplamente esperadas gerou uma mudança histórica nas tradicionalmente conflitivas relações entre Cuba e os Estados Unidos, tal como anunciaram, há mais de um ano, as recomendações surgidas a partir do Diálogo Acadêmico Cuba-EUA (TACE), coordenado pela Coordenadoria Regional de Pesquisas Econômicas e Sociais (CRIES), sob a presidência de Andrés Serbin.

Precedidas de numerosos sinais, incluindo seis editoriais do *The New York Times* e de gestos de ambas as administrações – liberação do preso norte-americano Alan Gross, por parte do governo cubano, e de três cubanos acusados de espionagem, por parte do governo dos EUA –, deram lugar a discursos dos presidentes Raúl Castro e Barack Obama. Eles anunciaram medidas orientadas à normalização das relações entre ambos os países, graças à mediação do Papa Francisco e do governo do Canadá, começando pelo restabelecimento das relações diplomáticas. O eventual levantamento do embargo depende de decisões do Congresso dos EUA.

Inicialmente, ganham tanto o presidente Obama como o presidente Raúl Castro. O primeiro, por reconhecer a ineficácia das medidas contra Cuba durante mais de meio século e por impulsionar um processo respaldado por uma grande parte da opinião pública norte-americana, incluindo democratas e republicanos, sem descartar alguns relevantes setores cubano-americanos, em um gesto sem precedentes que estabelece um marco histórico e permite recuperar a iniciativa política após as recentes eleições legislativas.

O segundo, por promover uma normalização pragmática das relações, que pode conduzir ao levantamento do embargo econômico aplicado à Ilha e que, principalmente, possibilita elaborar novos cenários para as reformas em curso em Cuba, em uma conjuntura em que a queda dos preços internacionais do petróleo ameaça a ajuda da Venezuela.

Em nível hemisférico, mediante a proximidade da realização da VII Cúpula das Américas, a ocorrer em abril, no Panamá, ambos os países consolidam suas posições, após as recorrentes dúvidas sobre suas participações. Enquanto os EUA começam a reconstruir uma imagem positiva perante os países da América Latina e do Caribe, após um longo período de distanciamento e de letargia geopolítica, o governo de Raúl Castro afiança seu processo de plena reinserção na Aladi (Associação Latino-Americana de Integração), culminando com a presença na Celac (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos), ampliando o espectro das alianças internacionais na difícil etapa pela qual deverão passar as reformas econômicas. Com o gesto de seu presidente, os EUA abrem portas para introduzir alguns de seus temas prioritários na agenda hemisférica, entre eles, consolidação da democracia e dos direitos humanos.

Andrés Serbin, analista internacional, é presidente da Coordenadoria Regional de Investigações Econômicas e Sociais – CRIES, Argentina.

O DESTAQUE É A REVISÃO DA SUSPENSÃO, POR PARTE DOS EUA, DA INCLUSÃO DE CUBA NA LISTA DE PAÍSES TERRORISTAS

Trata-se de uma situação "ganha-ganha" que, por sua vez, contribui para outros elementos, como ajudar na difícil relação hemisférica, no momento em que a Organização dos Estados Americanos deverá eleger seu novo secretário-geral. A conjuntura regional é de desequilíbrio entre diferentes modelos de desenvolvimento econômico, após uma década de prosperidade impulsionada pela venda de commodities, ameaçada por novos desafios em um entorno internacional mais hostil e menos auspicioso.

Nesse quadro, o destaque é a revisão da suspensão, por parte dos EUA, da inclusão de Cuba na lista de países terroristas – recomendada insistentemente pelo TACE –, em um momento em que Cuba tem sido fundamental no avanço das negociações de paz entre o governo colombiano do presidente Juan Manuel Santos e as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia). UC

Texto publicado anteriormente em http://www.perfil.com/internacional/Cuba-y-los-Estados-Unidos-todos-ganan-20141217-0054.html e http://www.cries.org/?p=2431

Tradução de Genira Chagas

JESSICA MIWA



© Scanrail | Dreamstime.com

Educação aberta a alguns cliques de distância

ACERVO DIGITAL DA UNESP REÚNE OBJETOS EDUCACIONAIS E CIENTÍFICOS ABERTOS PARA A COMUNIDADE

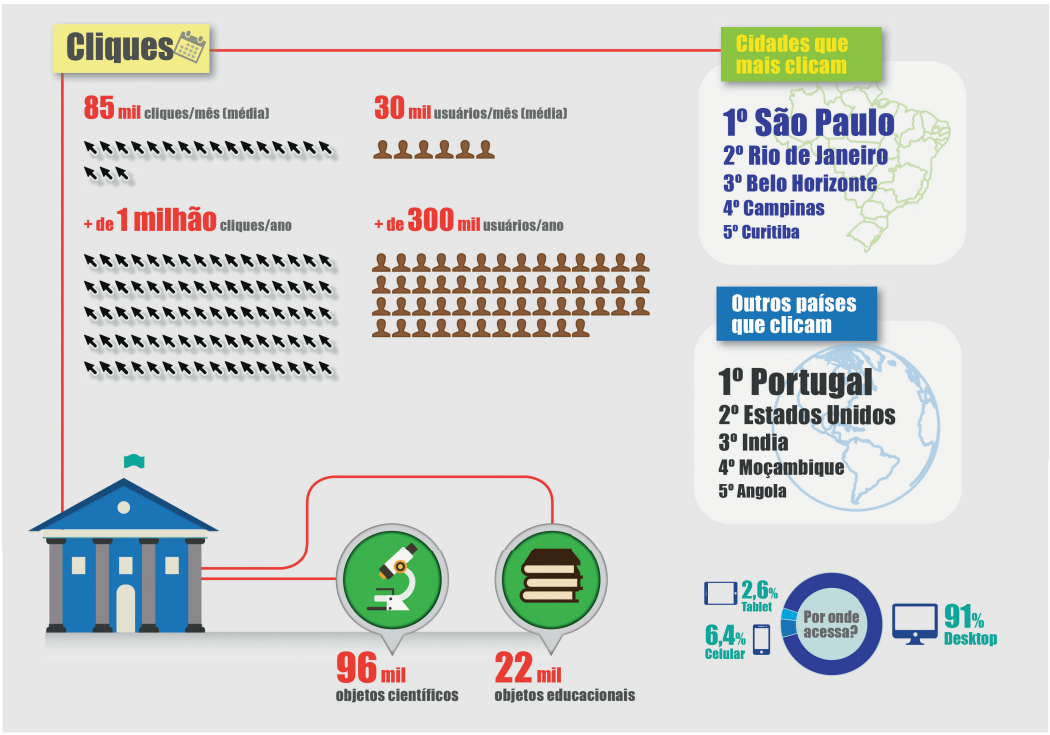
Apesar de conhecer o Acervo Digital da Unesp há muito tempo, o professor João Roberto Gomes Faria, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac) da Unesp de Bauru, passou a disponibilizar seus objetos educacionais para alunos da graduação há dois anos. Trata-se dos softwares "SimulaLuz", que analisa a iluminação natural de ambientes, e do "Reverb-NR", que facilita cálculos em projetos acústicos de salas.

Antes do Acervo Digital, o professor configurava os computadores do laboratório da Unesp com os programas criados e os deixava à disposição dos alunos no servidor da faculdade. A vantagem da nova técnica é que, além de proporcionar mobilidade para os estudos de seus 45 alunos anuais, que agora acessam os softwares em suas máquinas pessoais, os objetos educacionais ficam disponíveis gratuitamente para qualquer interessado da área.

Já a diretora da biblioteca do Instituto de Artes, Sebastiana Freschi, utiliza o Acervo Digital da Unesp desde 2011 para a preservação e disponibilização da produção artístico-cultural do Instituto. Em 2012, foi criada a Biblioteca do Instituto de Artes, conhecida como Bi@ Digital, na comunidade Histórico-Cultural do Acervo Digital da Unesp. A finalidade é agregar o conteúdo produzido pelas três Artes: Cênicas, Musicais e Visuais.

Em 2014, os documentos disponibilizados na Bi@Digital tiveram mais de 2.500 acessos, sendo que a maior parte desses acessos vem dos Estados Unidos. Para alimentar o espaço, Sebastiana conta com a cooperação de professores, alunos e funcionários. "Eles têm a liberdade de ver o que já existe e sugerir o que precisa ser criado, mas quem orienta é o Coordenador de cada coleção", explica.

"As universidades públicas possuem responsabilidade social, inclusive com a necessidade contemporânea, de ampliar os instrumentos de educação aberta", explica o professor da Unesp de Bauru Danilo Rothberg. A Universidade Estadual Paulista exerce tal responsabilidade com o Acervo Digital da Unesp, que hoje disponibiliza cerca de 96 mil objetos científicos e 22 mil objetos educacionais – além de documentação permanente e acervo histórico-cultural.



© NEaD/Unesp

Danilo Rothberg é doutor em Sociologia pela Unesp e autor de 16 objetos educacionais disponíveis no Acervo Digital da Unesp, que compõem o curso "Comunicação pública, cidadania e democracia digital" da Unesp Aberta. "Os recursos educacionais abertos são fundamentais para o aperfeiçoamento autodidata de habilidades e competências requeridas em função das rápidas transformações do mercado de trabalho na atualidade", acredita Rothberg, que disponibiliza seu material para facilitar o aprofundamento na convergência interdisciplinar entre "comunicação pública" e "democracia digital".

HISTÓRIA

Com a tecnologia de código aberto DSpace, o Acervo Digital da Unesp foi criado em 2009, pelo Núcleo de Educação a Distância da Unesp (NEaD/Unesp), para servir como repositório institucional da Universidade. Com o passar dos anos a ferramenta ganhou novas proporções e passou a atender a outra importante demanda: oferecer acesso gratuito aos conteúdos educativos de qualidade, produzidos pelos pesquisadores da Unesp.

Com isso, diversos professores da instituição, de todas as áreas de conhecimento, passaram a contribuir com suas produções acadêmicas e a construir o grande repositório hoje existente. Segundo Antonio Netto Junior, responsável pela coordenação de publicação de conteúdo do Acervo Digital, a vantagem de publicar na ferramenta é a visibilidade que o conteúdo ganha. "Temos acessos nas partes mais distantes do mundo. Um material hospedado hoje terá, no dia seguinte, o botão 'ver estatística' onde é possível encontrar visualizações feitas na Rússia, na China, nos EUA", explica Antonio.

Grande parte dos conteúdos disponíveis no Acervo Digital é de cursos produzidos pelo Núcleo de Educação a Distância da Unesp e publicados pela equipe interna para utilização nos cursos e disponibilização de materiais na Unesp Aberta. O usuário pode buscar o conteúdo de acordo com a data de criação e de edição, título, autor e assunto. "Se enfrentar dificuldades, basta entrar em contato com o e-mail do fale conosco do Acervo Digital que entre 24 e 48 horas respondemos", afirma Antonio. UC

SOBRE O ACERVO DIGITAL

A produção hospedada no Acervo Digital da Unesp está dividida em quatro grandes comunidades:

1 Acervo Histórico-Cultural, com mais de 400 publicações, possui duas subcomunidades: Fórum São Luiz de Paraitinga e Biblioteca do Instituto de Arte da Unesp. Neste ano foi criado um espaço para a Faculdade de Medicina de Botucatu, que oferecerá uma gama de publicações na área de Saúde, Medicina, Anatomia e Corpo Humano;

2 Documentação Permanente, com 230 publicações, onde se encontra a documentação oficial, material da assessoria de comunicação e imprensa, guias práticos, minutas e manual de propriedade intelectual da Unesp, por exemplo;

3 Objetos Científicos, que totalizam mais de 96 mil dissertações, teses, TCCs, etc; e

4 Objetos Educacionais, são mais de 20 mil itens como textos, vídeos, softwares, mapas, imagens, animações, etc. Esta é a comunidade mais visitada no momento.





INCLUSÃO É UM DESAFIO

TEXTO, ENTREVISTAS, REPORTAGEM E ENSAIO FOTOGRÁFICO FOCAM O TEMA

A ESCOLARIZAÇÃO DO ESTUDANTE

VERA LÚCIA MESSIAS FIALHO CAPELLINI

Este texto tem como objetivo refletir sobre a escolarização do aluno com síndrome de Down, lembrando que 21 de março é o Dia Internacional da Síndrome de Down, porque esta data se escreve como 21/3 (ou 3-21), o que faz alusão à trissomia 21.

A síndrome de Down (trissomia 21) é um acidente genético ocorrido no momento da concepção em 95% dos casos, ou seja, uma condição cromossômica causada por um cromossomo extra no par 21. Mulheres com mais de 35 anos têm maior probabilidade de gestar um bebê com alterações cromossômicas como a síndrome de Down. A síndrome de Down foi descrita pelo médico inglês John Langdon Down, em 1866. Em 1959, Jerôme Lejeune descobriu que a causa da síndrome era genética.

Os alunos com esta síndrome têm características físicas parecidas, apresentam deficiência intelectual e podem ser acometidos por algumas doenças. Todavia, cada indivíduo, com a síndrome de Down ou não, é único. Quase sempre a gravidade dos sintomas é inversamente proporcional ao estímulo ofertado durante a infância.

Isto posto, cabe uma pergunta. Onde deve estudar um aluno com síndrome de Down?

Não temos uma resposta única, pois a legislação brasileira prevê a escolarização na classe comum, bem como em escolas especiais. Entretanto, as evidências científicas apontam que o ambiente mais adequado para a escolarização do aluno com síndrome de Down é a classe comum.

Mais informações:
MENDES, E. G. *Inclusão marco zero*: começando pelas creches. Araraquara: Junqueira & Marin, 2010.
http://www.movimentodown.org.br/educacao/educacao-e-sindrome-de-down/.

http://www.federacaodown.org.br/portal/.

Este artigo foi publicado originalmente em *O Estado de S. Paulo* dia 21 de março de 2015.

© Ilana Bar

Não podemos ser ingênuos e acreditar que a inclusão escolar de alunos com deficiência, adolescentes e adultos segregados por diversos anos, seja sempre tranquila; ademais, a conjuntura brasileira, nem sempre favorece que a legislação se materialize a contento no cotidiano escolar. Contudo, a literatura (MENDES, 2010) aponta que o início da escolarização na classe comum, desde a educação infantil, tem sido mais efetivo, visto que aprendemos na interação com o outro.

A ESCOLARIZAÇÃO É UMA ETAPA FUNDAMENTAL NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO SER HUMANO

Vera Lúcia Messias Fialho Capellini é professora adjunta do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru.

O aluno com síndrome de Down de 20 anos atrás era menos inteligente que o aluno com a mesma síndrome hoje? Não. É que ao aluno atual é dada oportunidade de aprendizagem, de acessar os conhecimentos produzidos pela humanidade; antes a eles era apenas atribuído treinamento de habilidades de vida diária, pois eram rotulados como não educáveis. No contexto atual já temos pessoas com síndrome de Down na universidade.

A Educação é instrumento por excelência de emancipação das pessoas. Isso não é diferente para alunos com síndrome de Down. Afora transmitir conhecimentos acadêmicos, a escolarização é uma etapa fundamental no desenvolvimento integral do ser humano. Conviver com pessoas de diferentes origens e formações em uma escola comum, com uma perspectiva inclusiva favorece o desenvolvimento pleno de todas as capacidades das pessoas com síndrome de Down.

ENTREVISTA COM ANNA AUGUSTA SAMPAIO DE OLIVEIRA

JESSICA MIWA

Jessica Miwa, do Núcleo de Educação a Distância da Unesp, conversou com a professora Anna Augusta Sampaio de Oliveira, especialista de Educação Inclusiva da Unesp de Marília e do programa Redefor Educação Especial e Inclusiva, para conhecer um pouco mais sobre a realidade de quem possui o cromossomo extra.

POR QUE TRABALHAR COM A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E, EM ESPECIAL, COM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN?

ANNA AUGUSTA: Conforme eu fui desenvolvendo minhas pesquisas, foquei na área da deficiência intelectual, principalmente porque ela faz uma interface com a questão do fracasso escolar, que sempre foi de meu interesse. Dentro da área, a síndrome de Down é recorrente e a questão da educação inclusiva é uma grande conquista para a área. Então, como docente da Unesp de Marília, atuei com estágio supervisionado, práticas de ensino na formação de professores da área de deficiência intelectual, trabalhando diretamente com a síndrome de Down.

COMO ESSE TRABALHO ERA REALIZADO?

ANNA AUGUSTA: Nós mantínhamos um grupo de atendimento de crianças, jovens e adolescentes com síndrome de Down. O objetivo era a formação de professores ligados à Unesp, e nós trabalhávamos em uma unidade auxiliar da Faculdade de Marília, no Centro de Estudos da Educação e Saúde – CEES, onde era possível desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária. Assim, crianças matriculadas na rede municipal de ensino recebiam apoio pedagógico vinculado às ações de formação de professores por meio do estágio supervisionado, e eram oferecidas orientações, tanto às famílias quanto aos professores, e a intervenção direta com as crianças. Sempre na perspectiva pedagógica, é claro.

POR QUE O DIA INTERNACIONAL DA SÍNDROME DE DOWN É IMPORTANTE?

ANNA AUGUSTA: Essas datas nos possibilitam chamar a atenção da sociedade para o assunto. Embora hoje a síndrome de Down já seja mais conhecida socialmente e já tenha uma aceitação melhor, ainda faz parte de um gru-



© Ilana Bar

po minoritário dentro do ponto de vista social – que exige uma atenção mais específica das políticas públicas.

QUAIS SÃO AS POLÍTICAS PÚBLICAS NECESSÁRIAS PARA INCLUSÃO EFETIVA?

ANNA AUGUSTA: É preciso atenção tanto na área de educação e de saúde, como também na orientação às famílias, principalmente àquelas que acabam de gerar seus filhos com síndrome de Down, para que elas tenham o conhecimento de que o desenvolvimento, a aprendizagem e a inserção na vida social são possíveis. Isso é muito importante para que o potencial dessas crianças não seja subestimado. As possibilidades são infinitas.

QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS CONQUISTAS DO GRUPO QUE MERECEM COMEMORAÇÃO?

ANNA AUGUSTA: Uma grande conquista é perceber que esses jovens, embora possam ter alguma dificuldade específica no seu desenvolvimento, têm potencial para aprender tanto quanto qualquer um de nós. Nós começamos a ter políticas mais direcionadas a eles na perspectiva mais inclusiva. Ou seja, eles estão nas escolas comuns, já desde a educação infantil, o que possibilita uma atuação pedagógica mais interativa. Além disso, a concepção que a sociedade tem hoje da síndrome de Down é muito mais aberta do que tínhamos há vinte anos. Então, hoje eles participam de grupos de teatro, música, escolas comuns, alguns têm acesso inclusive ao ensino universitário.

A SÍNDROME DE DOWN EXIGE UMA ATENÇÃO MAIS ESPECÍFICA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

E QUAIS SÃO AS LUTAS ATUAIS PARA DAR CONTINUIDADE À INCLUSÃO DO GRUPO?

ANNA AUGUSTA: Embora tenha sido um grande ganho a inclusão de pessoas com síndrome de Down nas escolas, ainda temos situações muito difíceis a serem enfrentadas. Desde a questão estrutural, até a questão de forma-

NOME SOBRENOME AUTOR



© NEaD/Unesp

Anna Augusta: "Precisamos olhar como será feita a passagem da escola para o trabalho e o que será ofertado para este adolescente cuja condição intelectual, muitas vezes, não permite o acesso ao ensino superior."

ção de professores e de disponibilização de materiais. Às vezes elas passam cinco anos no ensino fundamental sem aprender a ler e a escrever, e não há nada que justifique isso relacionado à síndrome. A postura pedagógica, a preparação do professor, o sistema de apoio para que ela se alfabetize precisam ser trabalhados para garantir efetividade no atendimento às necessidades específicas. Não basta estar na escola, é preciso ter qualidade. Outro ponto muito frágil é o final da escolarização e a passagem para a vida adulta. Nem todas possuem a mesma oportunidade. Algumas poderão, sim, ascender até o ensino superior, com apoio, como nós temos visto. Mas isso são poucas. Nós precisamos olhar como será feita a passagem da escola para o trabalho e o que será ofertado para este adolescente cuja condição intelectual, muitas vezes, não permite o acesso ao ensino superior. Então, é preciso pensar em programas que lhe permitam avançar em seus conhecimentos. Às vezes eu olho para a síndrome de Down e tenho a impressão de que dentro de um determinado estrato econômico os portadores da síndrome estão bem, porque eles contam com o apoio de recursos familiares. Mas aqueles que não têm essa condição econômica mais favorável passam por dificuldades intensas. Inclusive suas famílias, no sentido de não saberem que direcionamento dar à vida de um jovem com vinte anos, por exemplo. Aí temos uma grande lacuna a ser pensada.

É PRECISO UM ESTÍMULO CONTÍNUO, PLANEJADO, SISTEMÁTICO, QUE SE DÊ EM TODAS AS ESFERAS

ASSIM COMO TODA A POPULAÇÃO, A EDUCAÇÃO INCLUSIVA TAMBÉM SOFRE COM A DESIGUALDADE SOCIAL. O QUE É PRECISO SER FEITO?

ANNA AUGUSTA: Quando nós falamos na deficiência como um todo, e assim também na síndrome de Down, é preciso pensar que as

pessoas precisam de um trabalho específico que lhes possibilite desenvolver todo o seu potencial, inclusive da sua intelectualidade. Então, o apoio da família, da escola e dos atendimentos clínicos é favorecedor ao desenvolvimento desta população com síndrome de Down, para que essas pessoas consigam alcançar níveis superiores de pensamento e ação. Isto é plenamente possível com processos de mediação adequados, os quais devem ser ofertados por programas públicos de atendimento em educação e saúde, objetivando diminuir as diferenças impostas pela própria desigualdade social.

EXISTEM LIMITES?

ANNA AUGUSTA: Não sabemos, assim como em relação a qualquer criança, exatamente o quanto de potencial tem a ser desenvolvido. Então é preciso um estímulo contínuo, planejado, sistemático, que se dê em todas as esferas de suas necessidades. E nem sempre conseguimos manter, nas políticas nacionais, esta continuidade do atendimento à criança para que ela possa se tonar um jovem preparado para uma vida autônoma.

QUAIS SÃO OS BÔNUS E ÔNUS DE TRABALHAR COM A EDUCAÇÃO INCLUSIVA?

ANNA AUGUSTA: É realmente muito gratificante perceber o quão satisfatório é, para uma criança, estar junto com as outras. Brincando, conversando, estudando. É muito bacana você conhecer um professor que muda a sua concepção em relação a esta criança, investe e trabalha com ela. A satisfação é enorme em ver um trabalho bem conduzido. Entretanto o ônus é muito grande também. Às vezes a criança não avança e não é porque ela não tem condições, mas porque o sistema não lhe permite. É difícil conseguir atendimento pelo Sistema Único de Saúde de fonoaudiologia, psicologia, fisioterapia, por exemplo. E isso acaba por prejudicar o seu desenvolvimento escolar. É preciso investir um pouco mais nessa relação entre educação e saúde com foco nas crianças na faixa escolar. Também precisamos que as políticas de suporte educacional especializado sejam mais diretivas e deixem mais clara a função que o professor especializado deve exercer em articulação como toda a escola. Porque, às vezes, as funções se confundem e se perde um espaço precioso para o estímulo pedagógico especializado e complementar para que se possa garantir a esta população com SD o seu desenvolvimento pleno e sua trajetória escolar com sucesso.

> TRABALHO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA É EXTREMAMENTE IMPORTANTE
> MARISTELA GARMES

Mariana Aparecida Campos Dias, aluna do 3º ano do curso de Pedagogia da Unesp de Bauru, durante o estágio curricular na escola particular Colégio Alfa, em Bauru, interior de São Paulo, conheceu o estudante com síndrome de Down Arthur Bento e Souza, atualmente com 11 anos, e as formas utilizadas em seu processo de escolarização.

> É IMPORTANTE QUE OS PROFESSORES E ALUNOS SE ADAPTEM AO MEIO EM QUE A CRIANÇA INCLUSA ESTÁ INSERIDA

Envolvida com a história do aluno, Mariana resolveu desenvolver seu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) tendo como objeto o estudo de caso do estudante. Mariana explica que diante desta experiência e por se sentir muito motivada ao trabalho com atividades lúdicas (como jogos e brincadeiras), resolveu unir as dificuldades observadas no estágio com o tema ludicidade. "A ideia foi desenvolver um projeto de intervenção sistematizado, visando verificar e descrever o resultado do trabalho desenvolvido, considerando a aprendizagem do estudante com síndrome de Down", conta.

O objetivo da pesquisa é avaliar quais são os efeitos das atividades pedagógicas, organi-

JANELAS DA ALMA
Oscar D'Ambrosio

As fotografias de Ilana Bar podem ser vistas como um relato pessoal. Afinal, seus tios, gêmeos, e o irmão, com síndrome de Down, a levaram a conviver com uma realidade que muitos preferem ignorar ou ver de longe. Com suas fotografias, ocorre o inverso. Há um mergulho denso na construção de janelas de almas.

Mas as suas imagens não são apenas fruto dessa convivência. A maneira de tratar o espaço merece especial atenção. Ocorre um diálogo permanente das pessoas com o entorno. Essa interação gera alguns dos melhores momentos da série Sobre Viver. O conjunto trata da existência daquele que, por ser diferente, é igual.

Se é olhando o outro que nos encontramos, o trabalho de Ilana lida o tempo todo com o duplo. São gêmeos que aparecem, mas há também espelhos e reflexos. A indagação quem sou eu e quem é o outro se multiplica nas incertezas e inseguranças do observador: por que eles e não eu? Talvez porque eles são nós, e nós somos eles.

Não se trata de um mero jogo de palavras. Os retratados surgem em meio a diversos espaços numa jornada lúdica, fantástica e misteriosa. Cada foto é um convite a reflexões e indagações. Trata-se de um exercício crítico do olhar que estimula um diferente pensar. E não estamos falando aqui da síndrome de Down, mas da jornada vivencial de cada um de nós..

Contato: Ilana Bar
www.ilanabar.com.br
ilana@ilanabar.com



© João Rosan/Jornal da Cidade de Bauru.

Mariana Aparecida Campos Dias, aluna do 3º ano do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru, e o estudante Arthur Bento e Souza, 11 anos

zadas de maneira lúdica, na aprendizagem dos alunos com a síndrome. Para Mariana, o aluno com Down aprende com mais lentidão, leva mais tempo que o convencional. Segundo ela, devemos partir do que a criança já sabe. "Ela pode se desenvolver por meio das atividades que chamem sua atenção, inserindo nesse universo o trabalho lúdico." Com relação ao trabalho do professor, "o planejamento das aulas na classe comum não deve ser diferente, pois ele deve atender a todos". É importante que os professores e os alunos se adaptem ao meio em que a criança inclusa está inserida. "Sabemos das dificuldades encontradas, portanto é necessário que o professor faça um trabalho diferenciado com esse educando", reforça.

"Todo o trabalho deve ser desenvolvido aos poucos, não existe uma receita para isso. Devemos saber de todas as dificuldades que iremos encontrar." Para tanto, o trabalho deve ser con-



© Ilana Bar

junto, com apoio de profissionais que acompanham o aluno, como a terapeuta ocupacional, a fonoaudióloga, entre outros profissionais.

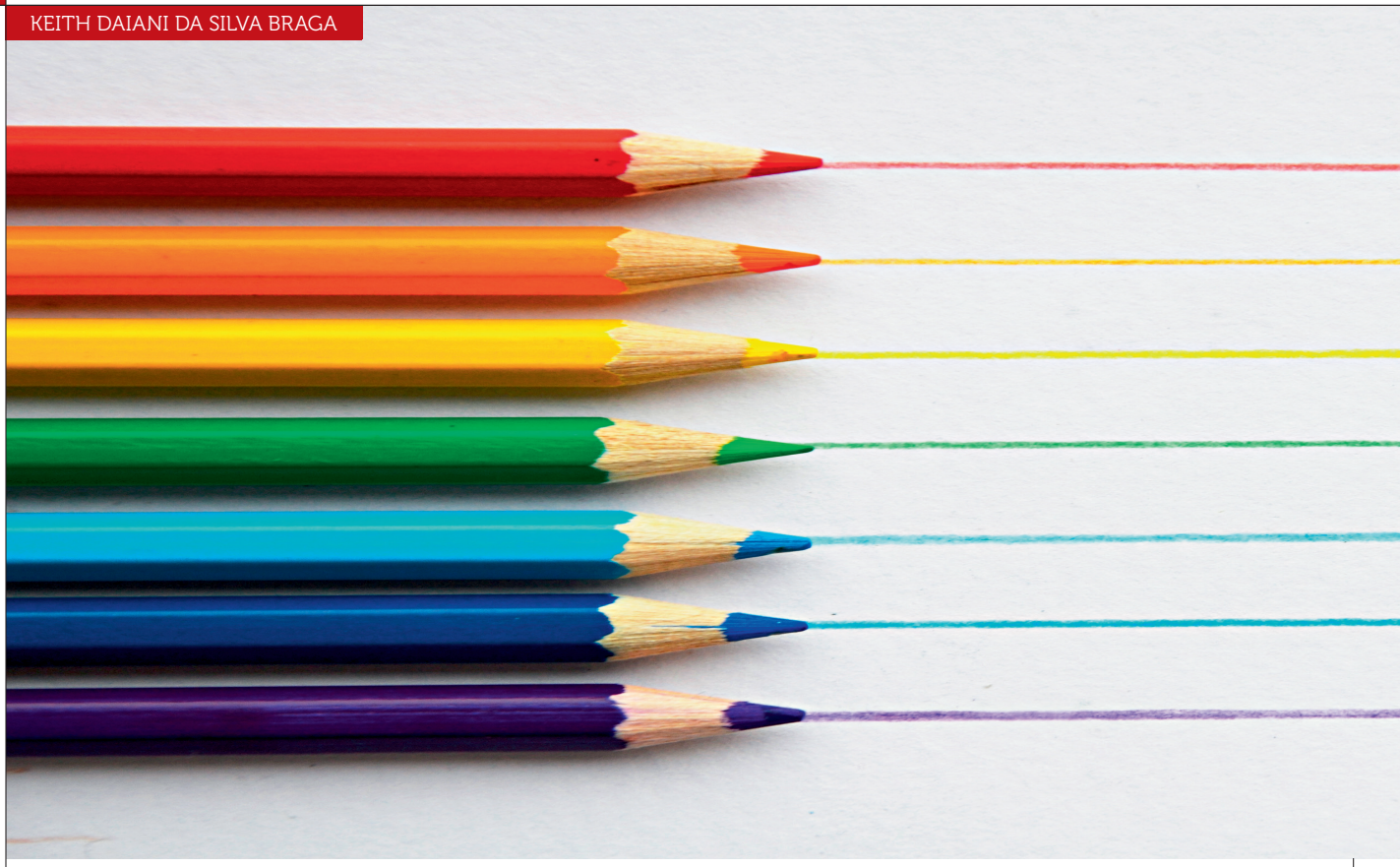
Para a orientadora do projeto, a professora Vera Lúcia Messias Fialho Capellini, coordenadora do curso de Especialização em Educação Especial do Núcleo de Educação a Distância da Unesp (NEaD), a importância do trabalho de Mariana se dá primeiro devido à articulação teoria e prática que a aluna pode realizar em sua formação inicial; segundo, pela oportunidade de desenvolver um estudo que permitirá uma compreensão do ser humano a partir de suas possibilidades e não de suas limitações.

Vera Lúcia, professora da Faculdade de Ciências de Bauru, reforça que é preciso superar o senso comum de que, por exemplo, um aluno com síndrome de Down vai à escola para socializar; isto ocorre sim, mas é papel da escola que todos os alunos se apropriem do conhecimento produzido. "A literatura aponta que uma prática pedagógica permeada pelo lúdico favorece este processo. O contexto da classe comum sempre será de heterogeneidade, assim este projeto sem dúvida terá sua contribuição acadêmica e social", finaliza.

É NECESSÁRIO SUPERAR O SENSO COMUM DE QUE UM ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN VAI À ESCOLA PARA SOCIALIZAR

Área pouco estudada, o trabalho de Mariana tem como objetivo servir de referência para novas pesquisas, além de servir de apoio a professores e alunos no cotidiano escolar de um aluno com síndrome de Down. A pesquisa da estudante ainda não foi concluída. Tem previsão para ser entregue em dezembro de 2015. UC

KEITH DAIANI DA SILVA BRAGA



© Shutterstock

Homofobia na escola

ESTUDO PARTE DA ANÁLISE DE LIVROS DE OCORRÊNCIA ESCOLAR

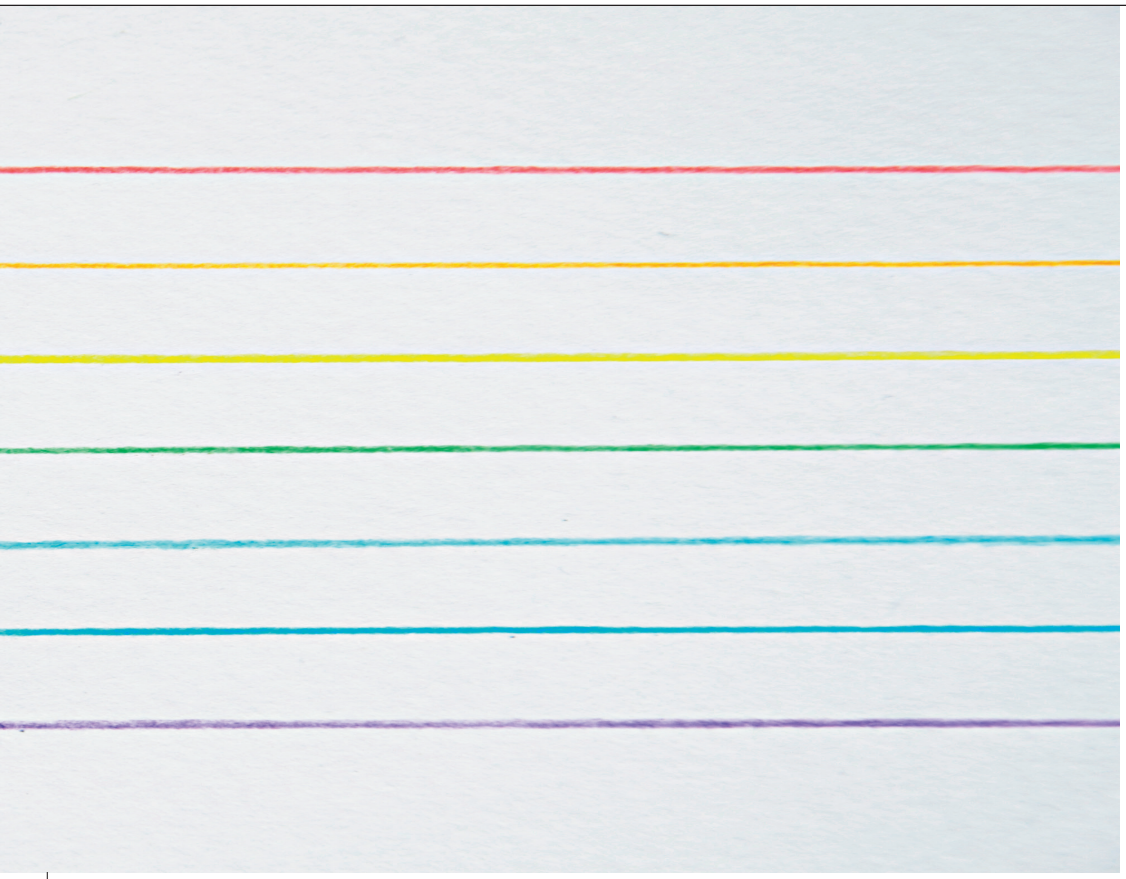
A homofobia, em linhas gerais, pode ser compreendida como atitudes de violência (física, psicológica) e posicionamentos que – mesmo implícitos – quando materializados atuam como um mecanismo de interdição, controle e vigilância de preferências, comportamentos sexuais e apresentações (ainda que empreendidos por sujeitos heterossexuais) não heterocentrados e/ou não representados pelos padrões identitários de gênero. No campo da educação, uma das preocupações centrais sobre esse tema refere-se aos seus impactos e consequências nas experiências e vivências escolares de inúmeros estudantes.

Nessa perspectiva, insere-se nosso estudo de mestrado, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Unesp de Presidente Prudente, sob orientação da Profa. Dra. Arilda Ines Miranda Ribeiro.

Com o financiamento da Fapesp, foi realizada uma pesquisa, de 2012 a 2014, com o intento de compreender a maneira pela qual as escolas têm se posicionado diante da homofobia. E, para alcançar tal objetivo, elegemos como objeto de análise as narrativas contidas nos Livros de Ocorrência Escolar, cadernos utilizados nas escolas públicas estaduais de Presidente Prudente – SP para registrar as situações de indisciplina e violência.

Optamos por esse material como base de análise por nos proporcionar uma possibilidade de discutir o tema por um prisma ainda não explorado: o do registro formal dos casos de homofobia nas escolas. Em termos metodológicos, a investigação foi documental e teve como referencial teórico as contribuições de autoras e autores alinhados à perspectiva pós-estruturalista e da Teoria Queer.

A partir da análise de trinta e um registros encontrados de homofobia, concluímos que: há por parte dos e das docentes o exercício de uma vigilância das normas regulatórias de gênero. Nesse sentido, alunos e alunas que por



Para mais informações, consultar a dissertação de mestrado apresentada em 2014 sob o título "Homofobia na escola: análise do Livro de Ocorrência Escolar"

meio de seus comportamentos demonstram vazamentos das fronteiras de gênero são expostos a manobras e tentativas de readequação ao que é esperado no molde heteronormativo. Também constatamos que a forma mais frequente de a homofobia se materializar nos espaços educacionais é por meio da injúria, fazendo vítimas e agressores: alunos, alunas e até mesmo docentes.

Por fim, em relação às perspectivas das e dos profissionais da escola diante das situações de homofobia, notamos que parte dos relatos indica a existência de uma forte tendência de culpabilização da própria vítima, pois são sugeridas como maneiras de resolver o problema mudanças no comportamento dos próprios alunos e alunas alvo de violência, indicando, assim, que a "maneira de ser" desses estudantes é que desperta a ira, justificada, dos agressores, cabendo apenas a eles resolvê-la.

Entretanto, não encontramos somente essa visão sobre o tema, existe também uma mobilização docente de não compactuar com a homofobia. A princípio, o ato de registrar o ocorrido, de não considerá-lo uma brincadeira ou algo sem importância, já demonstra uma percepção diferenciada. Em seguida, muitas narrativas foram construídas com expressões como: "ofensa homofóbica", "preconceito com a orientação sexual" e "discriminação" como forma de alertar e cobrar da gestão escolar uma solução frente a uma questão preocupante, séria, que expõe estudantes a situações de vulnerabilidade.

Especialmente ao nos depararmos com a existência desses registros de mobilização e inquietação docente diante da homofobia, nos motivamos a pensar as instituições de ensino não apenas como passivas e reprodutoras das desigualdades presentes em nossa sociedade, mas como produtoras também de resistências e potentes na luta para desestabilização da homofobia, bifobia, lesbofobia, transfobia e de tantas outras violências. UC

Keith Daiani da Silva Braga possui graduação em Pedagogia e mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, realizado com o financiamento da Fapesp, e é membro do Nudise — Núcleo de Diversidade Sexual na Educação.

JOSÉ LUIZ RIANI COSTA



© Divulgação

Alzheimer nas telas, mais perto de você

DIAGNÓSTICO NÃO PODE SER DESCARTADO PARA PESSOAS COM MENOS DE 60 ANOS

O filme *Para sempre Alice* traz à cena um dos maiores desafios atuais: a doença de Alzheimer. O Oscar de melhor atriz para Julianne Moore, por interpretar uma mulher diagnosticada com a doença, tem permitido debater diversos aspectos da doença e as alternativas de prevenção e tratamento. Um dado interessante do filme é a idade em que a doença de Alice se manifesta, pois geralmente acomete pessoas idosas, especialmente após os 65 anos, dobrando sua frequência a cada cinco anos.

O filme mostra que o diagnóstico não pode ser descartado quando uma pessoa com menos de 60 anos apresenta um quadro clínico compatível com a doença. Aliás, o primeiro caso da doença descrito pelo Dr. Alois Alzheimer era uma mulher com pouco mais de 50 anos de idade.

Outro debate importante que o filme suscita é a doença acometer uma pessoa com alta escolaridade e com atividades intelectuais desenvolvidas ao longo de toda a vida. Sabe-se que estes são fatores protetores para o Alzheimer, mas não garantem que a doença não aconteça. Outro filme que aborda esta temática mostra a história real de Iris Murdoch, autora de diversos livros, que também

José Luiz Riani Costa é professor do Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro.

teve doença de Alzheimer (*Íris*, 2002).

Para sempre Alice é um filme bastante didático que mostra o aparecimento dos primeiros sintomas e a evolução da doença, bem como o pesado ônus que traz ao paciente e a seus familiares. Como revela o filme, o diagnóstico da doença é baseado na análise dos sinais e sintomas e nos antecedentes pessoais e familiares, acompanhados por uma avaliação neuropsicológica e exames de imagem, como tomografia computadorizada e ressonância magnética.

As alterações de memória recente são as manifestações mais conhecidas, mas outros comprometimentos podem estar presentes, como alterações na linguagem, desorientação temporal e déficit de atenção.

Além disso, podem aparecer distúrbios comportamentais, como apatia, depressão, agitação, irritabilidade, ansiedade, euforia, delírios e alucinações. Existem, ainda, as alterações motoras que podem se manifestar ao longo da doença, tornando-se mais evidentes nas fases tardias. A somatória desses comprometimentos pode afetar a independência dos pacientes, exigindo um cuidador.

Já existem alguns medicamentos que atenuam a progressão da doença, mas, além do tratamento farmacológico, vem ganhando força o tratamento não farmacológico da doença de Alzheimer, que inclui atividades físicas e estimulação cognitiva.

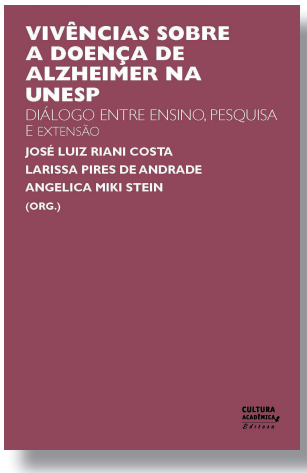
A Unesp de Rio Claro desenvolve um projeto pioneiro que atende pacientes e seus cuidadores, propiciando os benefícios da prática regular de exercício físico e convívio social, com excelentes resultados. Essa experiência foi publicada em um livro digital, disponível no site da Cultura Acadêmica, um selo da Editora Unesp, para download gratuito.

O objetivo do livro é divulgar atividades voltadas a pacientes com doença de Alzheimer e seus familiares e cuidadores, aliviando o sofrimento das pessoas envolvidas neste desafio, como tão bem retrata o filme *Para sempre Alice*. UC



© Divulgação

O Oscar de melhor atriz para Julianne Moore, por interpretar uma mulher diagnosticada com a doença, tem permitido debater alternativas de prevenção e tratamento



Ouça entrevista sobre o livro

O livro Vivências sobre a doença de Alzheimer na Unesp: diálogo entre ensino, pesquisa e extensão, de José Luiz Riani Costa, Larissa Pires de Andrade e Angelica Miki Stein, está disponível em: <http://goo.gl/rR4PsN>.

Projeto contra cárie já atendeu mais de 6 mil crianças

OBJETIVO É AMPLIAR AÇÃO POR TODO O ESTADO DE SÃO PAULO

Mais de 6 mil crianças de 20 cidades do Noroeste e Extremo Noroeste Paulista foram atendidas, desde 2013, pelo projeto Fortalecimento da Atenção Básica à Saúde Bucal na Primeira Infância, de responsabilidade do professor Wilson Galhego Garcia, da Faculdade de Odontologia da Unesp daquela cidade.

"Queremos agora ampliar a área de atuação dessa ação para outras regiões do Estado de São Paulo", explica o docente. "O procedimento que estamos utilizando é extremamente simples de ser aplicado e aprendido. Não é necessário ser aluno ou profissional da área de saúde para participar do projeto, mas, havendo essa demanda, os atuais integrantes darão o aporte necessário com apoio logístico da Pró-reitoria de Extensão Universitária."

O PROCEDIMENTO PROPOSTO, EXTREMAMENTE SIMPLES, MAS EFICAZ, NORMALMENTE DURA MENOS DE 60 SEGUNDOS.

A meta do projeto é que, a partir de um ação que dura menos de 1 minuto, apenas 10% de crianças tenham cáries na faixa entre 0 e 3 anos. O professor explica que cáries são desordens na saúde das crianças com um enorme custo odontológico e social, causadas fundamentalmente por falta de prevenção adequada.

O projeto desenvolvido pela Unesp demonstrou que o uso de gaze ou fralda enrolada no dedo indicador, embebida em água filtrada



e passada na boca da criança nos roletes superior e inferior, por dentro e por fora, e na língua e no palato, permite atingir os índices preconizados pelos Objetivos do Milênio. "A técnica é simples, barata e de fácil execução pelos pais e educadores de creches. Este é o primeiro passo na primeira infância para uma vida sem cáries", comenta.

No início do projeto, mães, educadoras, professoras, gestantes, agentes comunitários de saúde e líderes comunitários da Pastoral da Criança são informados, de maneira breve e objetiva, com distribuição de fôlderes, por cirurgiões-dentistas acompanhados por alunos de Odontologia, sobre prevenção e controle de doenças bucais e cárie em crianças de 0-3 anos. Numa segunda ação, o procedimento é feito nas crianças pelas próprias mães. Finalmente, reuniões com pais e educadoras avaliam o projeto e estabelecem a reflexão sobre a atividade presente e ações futuras. "A ideia é trabalhar com as mães e não para elas. Sem o empoderamento do saber das mães, o projeto não tem razão de existir, afirma Galhego.

A partir da ação com educadoras, professoras, agentes comunitários de saúde e líderes comunitários, é possível empoderar gestantes,





© Arquivo Pessoal

pais e mães para que cuidem rotineiramente da higiene bucal de suas crianças.

Em consequência, é possível dar orientação correta e segura sobre a limpeza da boca do bebê; realizar trabalho realmente preventivo que torne a higiene uma rotina para as mães e as crianças; sensibilizar pessoal da área de saúde (das Universidades, rede pública e profissionais liberais) para um trabalho em rede envolvendo educação, assistência social e cultura; enviar, para centros de referência os casos necessários; e tornar rotineiro o lançamento dos dados na CADERNETA DA CRIANÇA informatizada e dentro do prontuário médico como instrumento de promoção do desenvolvimento integral da criança.

"São elaboradas planilhas que permitem que se avalie o retorno social do projeto. É anotado ao lado do nome do aluno se ele tem cárie ou não, chegando-se às porcentagens de cada sala. No próximo ano, nova avaliação permite verificar o sucesso ou insucesso da intervenção, por aluno e por sala", explica o professor da FO.

O projeto foi implementado em Coroados, Birigui, Bilac, Braúna, Gabriel Monteiro, Piacatu, Glicério, Juritis, Brejo Alegre, Lourdes, Barbosa, Alto Alegre, Luiziânia, Santópolis do Aguapeí, Avanhandava, Clementina, Mirandópolis, Lavínia, Pereira Barreto e Valparaíso.

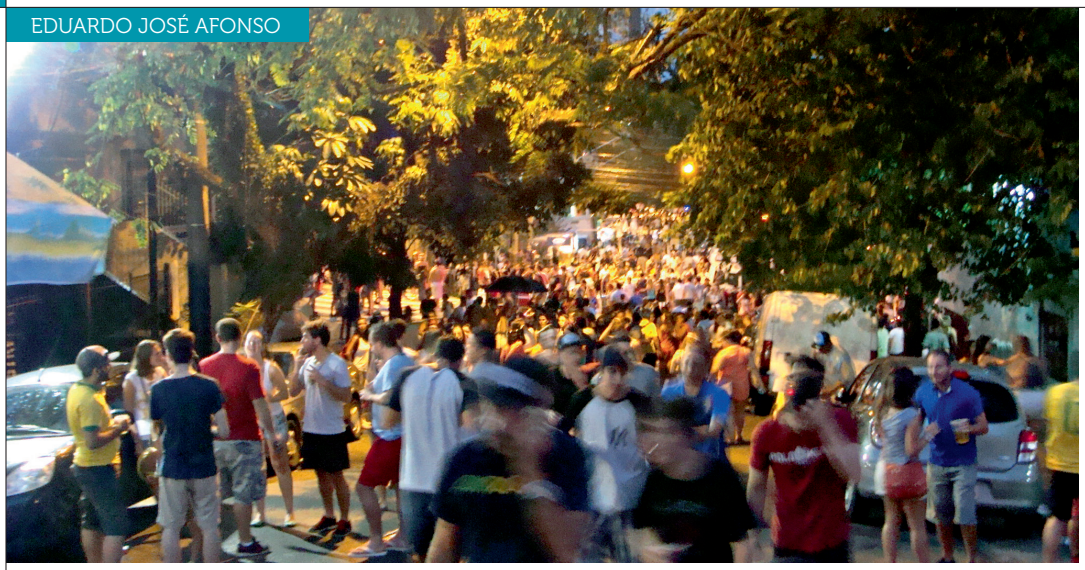
Informações
Responsável: Prof. titular Wilson Galhego Garcia
Faculdade de Odontologia da Unesp de Araçatuba
wilson@foa.unesp.br
(18) 99770-5572 / (18) 3636-2789

HIGIENIZACÃO DA BOCA

O procedimento proposto, extremamente simples, mas eficaz, normalmente dura menos de 60 segundos. Com o objetivo de higienizar a boca da criança na primeiríssima infância, consiste em envolver o dedo indicador com uma gaze, molhá-lo em água filtrada ou fervida e em seguida limpar o rolete superior da boca por dentro e por fora, céu da boca (palato), fazendo o mesmo com o rolete inferior e com a língua.

Em casa a mãe poderá usar uma fralda de pano limpa, em vez de gaze. A criança deverá estar segura no cadeirão ou no colo, evitando-se o uso de procedimentos acadêmicos longe da rotina que a mãe utilizará em casa. O procedimento é tão simples e indolor que, em casa, quando a criança já está dormindo, ela não chega a acordar. "A ação é extremamente barata e pode ser realizada em creches, Unidades Básicas de Saúde ou dentro de maternidades, tendo como público-alvo inicial enfermeiras, por exemplo", diz Galhego. UC

EDUARDO JOSÉ AFONSO



© Eduardo José Afonso

Bairro paulistano da Vila Madalena durante carnaval 2015

Vila Madalena, sabe lá o que é isto?

Certa ocasião, há aproximadamente vinte anos, quando das minhas andanças pela Vila Madalena, ao fazer meus registros fotográficos, passando pelo "Bar do Dominó", boteco tradicional do bairro, ouvi dois frequentadores dizendo: Você está na Vila Madalena, sabe lá o que é isto? O tom denotava certo orgulho pela posição de destaque que a Vila conquistara, na capital paulista. Era o bairro falado na TV, no rádio e nos jornais. Isso dava certo tom de destaque entre os bairros paulistas. Local de estudantes, artistas e intelectuais, que ao lado dos antigos moradores, remanescentes da época em que a Vila era conhecida como "a Vila dos Farrapos", podiam viver juntos e construir um espaço que tinha muito de democrático. Vivia-se, naquele momento, como que um período de euforia. Como se a Vila – tal qual um time de futebol – tivesse ganho um campeonato.

Essa característica da Vila e a divulgação de suas qualidades trouxeram muita gente de outros bairros, cidades e até países, que vinham ver o Soho brasileiro. Muitos bares instalaram-se na região e contribuíram para que a Vila passasse a ser conhecida como "Bairro Boêmio". Os espaços urbanos, no entanto, são como que tecidos tramados com fios, que somos nós. Fios que só constituem um tecido quando estão juntos, lado a lado. Ocorre que como nos diz Zygmund Baumann, vivemos, hoje, os tempos líquidos. Aquele apelo de Ecléa Bosi, que nos chama `a responsabilidade de valorização da memória, enquanto construção de identidade, foi sendo perdido. A cada dia mais, tudo se esvai, escorre pelas mãos.

Os muitos bares, com o tempo, atraíram consumidores, incentivaram, com propaganda, a presença de uma massa humana que a Vila não comportava mais. Primeiro foi o Carnaval de 2013, no quadrilátero dos principais bares, Mourato Coelho com Aspicuelta e Fidalga com Aspicuelta, depois a Vila explodiu com a Copa do Mundo e agora, no Carnaval o afluxo de pessoas, vindas de todas as partes, principalmente, com a crença de que naquele espaço era possível tudo, roubaram da Vila sua característica mais peculiar, que era a coexistência pacífica entre todos. Tanto aqueles que vinham visitá-la quando os moradores, que até recebiam seus visitantes com orgulho.

Hoje, depois das ocorrências do último Carnaval, quando "foliões", desrespeitando o espaço público e privado, tornaram o bairro um campo de batalha, enfrentando policiais e até moradores indignados, perguntamos: Será possível relembrar o orgulho dos frequentadores do Bar do Dominó? Vila Madalena, sabe lá o que é isto? UC

Eduardo José Afonso é professor da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 25 de fevereiro de 2015.

Cortés e seu duplo: pesquisa sobre uma mistificação

LIVRO DEMONSTRA QUE DIAZ DEL CASTILLO FOI CRIAÇÃO DO CONQUISTADOR ESPANHOL

Presumido autor da *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España* (História verídica da conquista da Nova Espanha), obra central sobre a expansão ultramarina espanhola publicada em 1632, Bernal Díaz del Castillo entrou para o panteão da literatura hispânica, entre *Cid* e *Dom Quixote*. Mas tal atribuição de autoria perde credibilidade à medida que os estudiosos desvendam os mistérios e lacunas de sua biografia.

Em *Cortés e seu duplo: pesquisa sobre uma mistificação*, Christian Duverger tenta demonstrar, por meio da análise de farta documentação historiográfica, que Diaz del Castillo foi na verdade uma criação do conquistador espanhol Hernán Cortés, protagonista e verdadeiro autor do épico.

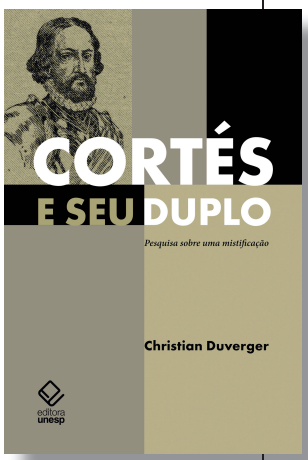
Díaz del Castillo teria nascido na Espanha, morrido na Guatemala e participado de expedições fabulosas nas regiões do Panamá, Cuba e outras ilhas do Caribe. Em 1517, teria visitado a península de Iucatã e se engajado na empresa capitaneada por Cortés, participando dos fatos capitais da queda do império asteca, então com 18 milhões de habitantes.

Duverger, no entanto, põe em dúvida essa trajetória e demonstra que o legítimo Díaz del Castillo dificilmente poderia ter escrito *Historia verdadera* por uma simples razão: "ele era provavelmente iletrado". Além disso, o suposto autor do épico, de quem nunca se registrou uma só imagem, jamais foi biografado, mesmo depois de 250 anos da publicação de sua crônica, e a data de seu nascimento permanece desconhecida. O cultuado "escritor" Díaz del Castillo, sugere Duverger, não passa de uma criação do conquistador Cortés, que produzira obras anteriores e, à época, proibido de escrever pelo Rei Carlos V, bem poderia ter concebido um duplo. UC

TRECHOS

"Tal personagem, tão ativo, tão inteligente, tão devotado, mereceria um cortejo de honras, um monte de medalhas, sua inscrição em todos os monumentos à coragem e ao heroísmo. Ora, seus contemporâneos guardam a seu respeito um silêncio ensurdecedor. Nenhuma linha, nem a menor menção a Díaz del Castillo nos escritos de Cortés!"

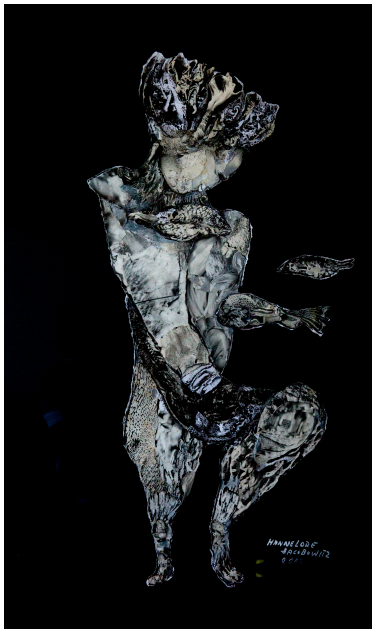
"Com efeito, o tempo voa. O conquistador do México tem 58 anos. Decidido a não mais procurar aprovação oficial por sua missão cumprida, doravante sem ilusão sobre a política, não religioso o bastante para se voltar para Deus, Cortés se volta para a posteridade. Lucidamente orgulhoso, quer fixar a lembrança de sua vida na terra e esculpir sua estátua para a eternidade. Decide então escrever suas Memórias."



Christian Duverger, Editora Unesp, tradução de Ana Alencar, 380 páginas, R$ 58

Sobre o autor
Christian Duverger, historiador e arqueólogo, é especialista em Mesoamérica e professor na École des Hautes Études en Sciences. É autor de algumas das mais influentes obras sobre a expansão ultramarina espanhola e de uma das principais biografias de Hernán Cortés (FAYARD, 2001).

OSCAR D'AMBROSIO







© Daniel Patire

A força da existência

HANNELORE JACOBOWITZ TRANSFORMA INDAGAÇÕES EM IMAGENS

De 31 de março a 17 de abril, Hannelore Jacobowitz realizou a exposição "A força da existência" na Reitoria da Unesp, em São Paulo, SP. A atividade se insere no Projeto 15x15, parceria entre a Unesp, por intermédio de seu Comitê de Artes e Cultura ligado à Pró-reitoria de Extensão Universitária, e a Associação Profissional de Artistas Plásticos de São Paulo.

Nascida em Berlim, Alemanha, mas radicada em São Paulo, SP, desde pequena, a artista frequentou a Escola de Belas Artes, na Capital paulista, e, posteriormente, estudou com o artista Henrique Boese e durante alguns anos com Arnaldo Ferrari. Atualmente Hannelore tem obras no acervo do Museu de Arte Contemporânea de Skpje, ex-Iugoslávia, hoje Macedônia, e em diversas coleções particulares.

As suas imagens cativam pela intensa força que transmitem. Por meio de desenhos e colagens, ou pelo uso do lápis pastel, seu trabalho traz à tona diversos aspectos do ser humano. São uma espécie de radiografia da vida. As questões que vêm à tona são próprias da essência humana sobre nosso sentimento de estar no mundo.

A solidão, a opressão nas mais variadas situações e o desvendamento da alma surgem à medida que são contempladas obras que indagam a todo instante. Um requinte de composição se mostra no vigor para evidenciar os sentimentos mais escondidos em cada um de nós.

O visceral se faz presente. Cada momento é de questionamento perante um universo em que as dificuldades são evidentes. Surge assim uma construção poética densa, de prazerosa assimilação garantida para aqueles que indagam o sentido daquilo que chamamos de jornada da existência. As obras brotam da força do inconsciente, com pouco planejamento e muita intuição. O poderoso resultado fascina desde o primeiro olhar.

Sem artistas na família, Hannelore começou a praticar seu desenho, já com características de precisão e delicadeza, na escola. Aliás, até hoje, vê nessa prática a base do seu trabalho. Prefere lidar com a linha do que com as cores e lembra que, na Escola de Belas Artes, o ato de copiar bustos, embora fosse importante para a aprendizagem, a incomodava pela necessidade



© Daniel Patire

Hannelore prefere lidar com as linhas

de se ater àquilo que chamamos de realidade.

Hannelore passou ainda por diversos ateliês e conheceu o abstrato geométrico, mas a sua paixão sempre foi a forma humana. Mas não se trata de reproduzir o considerado belo e perfeito. Seu interesse está na transformação daquilo que vê e no mergulho nos recônditos das almas.

Nesse sentido, mesmo quando praticava modelo vivo, seu trabalho ia além da mera representação. Não raro, desenhava crianças na rua em busca de novas possibilidades de imagens. As pesquisas com colagens também estão nessa procura de materiais diferenciados para expressar a sua visão de mundo.

Houve ainda algumas experiências escultóricas com pedra-sabão. A atuação no desenho de tapetes e vitrais ocorreu em paralelo ao estudo. Atualmente o trabalho está concentrado em deixar fluir a energia do inconsciente. Nada é planejado. Vai para o papel e, depois, a artista sente a necessidade de realizar alterações ou não.

A valorização da liberdade torna-se uma característica primordial do processo criativo. O importante, para Hannelore, é não ficar presa a normas e leis. Pequenos croquis, quando agradam, são a matriz de obras maiores. A presença da colagem demanda muito tempo e integra o processo de pesquisa da artista e sua constante inquietação em busca de caminhos novos que a levem a prosseguir com a produção.

Sua principal motivação é a figura humana. Busca concretizar imagens fortes. Aquilo que as pessoas gostam de ver e entendem como agradável não é o que a satisfaz. Sua jornada está em penetrar nas dores da alma e na solidão de cada existência, dando a essas dimensões uma expressão visual.

Em 2014, Hannelore participou, em São Paulo, SP, do 2º Salão de Outono da América Latina – Memorial da América Latina e da Exposição Coletiva Internacional "A Copa é Aqui", no Banco de La República Oriental del Uruguay e no Espacio Uruguay. Em ambas, assim como na exposição na Reitoria da Unesp, a sua produção aponta para um permanente inconformismo e para a busca de respostas para as mais variadas indagações da existência humana. UC

UC

Ouça entrevista com a artista

Itinerância
Para levar a exposição "A força da existência" para outra unidade da Unesp ou mesmo para outras localidades, basta encaminhar solicitação para o e-mail <cac-l@listas.unesp.br>

JOÃO PAULO VANI



O Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da Unesp nasceu como Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FAFI – de São José do Rio Preto, criada pelo Decreto Municipal nº 249, de 25/8/1955. O Decreto Federal nº 41.061, de 27/2/1957, autorizou seu funcionamento. Nesse mesmo ano, foi sancionada a lei estadual nº 3.884 que transformou a FAFI num instituto isolado do sistema estadual de ensino superior. Em 1959, o patrimônio da FAFI, que pertencia à Prefeitura Municipal, foi doado ao Estado.

Em 1976 foi implantada a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Lei Estadual nº 952/76) e a FAFI passou a fazer parte dela, alterando assim seu nome para Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

Hoje, mais de 60 laboratórios de ensino e/ou pesquisa têm por finalidade proporcionar aos alunos uma melhor formação acadêmico-científica e dar suporte às pesquisas de docentes, alunos de graduação, pós-graduandos e especialistas. Além disso, conta também com moradia estudantil, piscina, restaurante universitário, quadra de esportes, campo de futebol e minicampos


esp

JEFFERSON NASCIMENTO DE OLIVEIRA



Jefferson Nascimento de Oliveira é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil da Área de Hidráulica e Saneamento da Faculdade de Engenharia da Unesp de Ilha Solteira.

Um dia de reflexão

O Dia Mundial da Água, celebrado em 22 de março, leva-nos a perguntar o que realmente estamos fazendo pela água, qual a nossa relação diária com essa matéria-prima, que é a base fundamental de nossa vida no planeta Terra.

Parece que pouco foi feito realmente em prol da sustentabilidade e conservação da água no Brasil e no mundo durante a "Década Internacional da Água 2005-2015", instituída pela ONU, que tinha como subtítulo "Água, fonte de vida". A Década começou no Dia Mundial da Água, em 22 de março de 2005.

Em crises hídricas, como esta que muitos estados brasileiros atravessam, a população em geral viu que o flagelo da seca, aparentemente tão distante, nos rincões do meu Nordeste, pode vir a ser uma realidade cotidiana em muitos lares brasileiros, pois continua-se pensando e tendo com a água uma relação quase insana de consumo excessivo, canibalizando muitas das reservas estratégicas no país e pelo mundo.

Lamentável constatar que a consciência só aflora com o medo, seja este pela falta real da água na torneira, falta de energia ou medo de pagar um preço elevado, ou mesmo uma multa, por um consumo maior. Quando se faz um levantamento do médio preço da água tratada no Brasil, vemos que este é muito inferior aos praticados pela telefonia móvel, por exemplo, se comparados aos do resto do mundo. Por que, então, nos lugarejos distantes do país, tem-se telefone celular e não se dispõe sequer de água tratada e distribuída com boa qualidade, isso sem falar na ausência da coleta de esgoto, que é um risco real à saúde humana, além da falta de tratamento?

Leio quase que diariamente nos jornais de grande circulação do país que temos as maiores reservas mundiais de água doce, o maior aquífero do mundo e que até bem pouco tempo tínhamos também a maior hidrelétrica do mundo – e me pergunto o que isso realmente significa. Estamos cuidando bem desses mananciais de superfície e dos mananciais subterrâneos? Temos uma matriz energética realmente limpa e estamos aprimorando a mesma para darmos uma garantia responsável e uma maior comodidade às futuras gerações? A resposta, infelizmente, é não. Temos que realmente rever nossos diagnósticos, revisar nossas perspectivas de futuro, quanto ao crescimento e quanto ao que realmente queremos, bem como quebrar nossos paradigmas de consumo e de como olhamos para o mundo. Desde como exportamos nossa água de maneira virtual, com commodities, que tentam manter nossa balança comercial superavitária, até a primeira lavada de rosto antes de acordar para a vida cotidiana. Temos que mudar e nos reeducar para darmos a possibilidade de um crescimento realmente sustentável a esta grande nação, que muitas vezes tem uma certa megalomania ao se apresentar ao mundo.

Devemos sempre nos lembrar que a água não tem cor, principalmente política ou partidária, com que muitos querem tingi-la. Deve-se buscar na conservação da água a sua maior dádiva, que é a da vida. UC

Parentes

são sempre uma surpresa!



PARENTESCO, DIREITO E O INESPERADO

Marilyn Strathern

A partir de uma temática central nos estudos antropológicos – o exame das relações humanas, em especial aquelas que ocorrem no interior da família e nos círculos próximos a ela - a autora conduz o leitor por entre questões atuais da biotecnologia, novas formações familiares e intervenções jurídicas, além dos candentes debates contemporâneos sobre herança e propriedade intelectual.

editora unesp

Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987
www.editoraunesp.com.br

livraria **unesp** virtual

Referência em livros universitários



www.livrariaunesp.com.br

Aqui você encontra os melhores livros da Editora Unesp e ainda tem:

- Segurança em suas compras
- O melhor atendimento
- Diversidade de títulos

E mais!

Para os docentes e servidores técnico-administrativos de todas as unidades da Unesp, da Vunesp e da Fundunesp, descontos especiais e diferenciados! Acesse nosso site e se cadastre no Clube Unesp!

Conheça também:

Livraria Unesp
Pça. da Sé, 108 – São Paulo/SP
2ª. a 6ª. das 9h às 19h
Sábados das 9h às 13h
livraria@editora.unesp.br

Livraria Unesp Móvel
Livros por todos os caminhos
livrariamovel@editora.unesp.br

livraria **unesp**